

Evernight Publishing®

Bite Me

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

JENIKA SNOW



PL APRESENTA:

Bite Me

LIVRO ÚNICO

JENIKA SNOW

6 anos de tradução



Equipe PL

Envío: Soryu Monteiro

Tradução: T. Nadalon; AshShadow

Revisão Inicial: Moa Bellini;

Atalantas Mors

Revisão Final: Fafa

Leitura Final: Anna Azulzinha

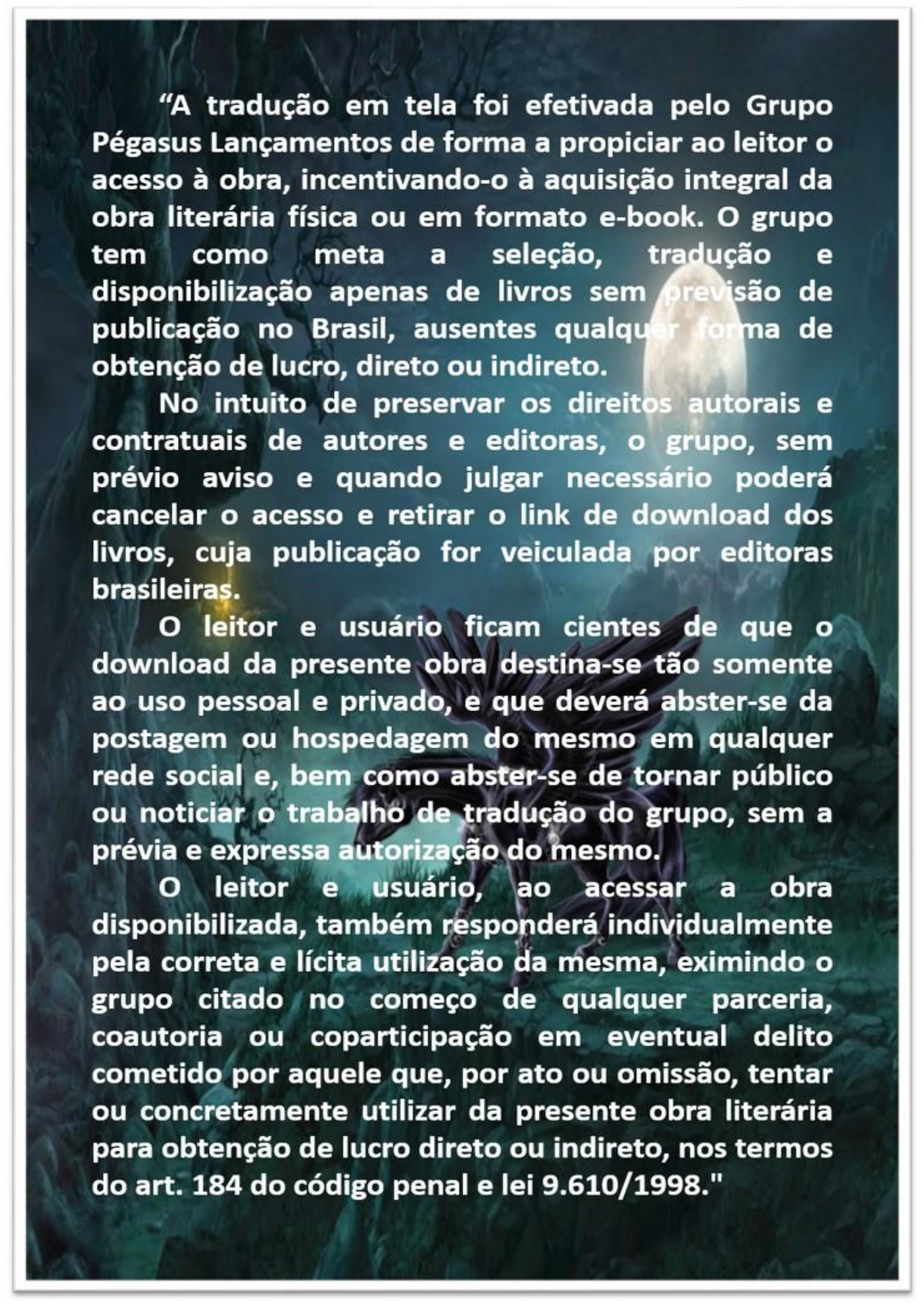
Formatação: Lola

Sinopse

Sem nenhuma ideia de onde vem, ou de quem realmente é, Ruby passou a vida focada em sua paixão pela ciência. Mas durante os últimos sete anos ela sonhou com os mesmos três homens.

Não é até que é designada para o árido e gelado Alasca para sua pesquisa, que Ruby se vê cara a cara com os homens dos seus sonhos... homens que também são shifTERS. Eles dizem que ela é sua companheira, e os três vão compartilhá-la. Eles são dominantes e possessivos e querem que ela seja sua primeira e única. Quando eles acasalam, é para a vida.

Ela sabe que pode fugir, mas Ruby também sabe que vão persegui-la. O que ela não sabe é se está pronta para aceitar tudo o que querem, e tudo o que descobre.

The background of the text is a dark, moody illustration. It features a full, glowing moon in the upper right quadrant. In the center, there is a dark, winged creature, possibly a Pegasus or a dragon, standing on a rocky outcrop. The overall scene is set in a dark, forest-like environment with silhouettes of trees and foliage. The text is overlaid on this background in a white, sans-serif font.

“A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros, cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.”

Avisos

Aviso 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!

Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por e-mail a quem pedir.

Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL!

Ajude-nos a preservar o grupo!

Aviso 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita?

Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!

Ajude a preservar o seu grupo de romance!

A equipe do PL agradece!

Aviso 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!

Seja esperta (o).



Capítulo

Um

— Você sente o quão duro estou por você, companheira?

Ruby não respondeu, só pôde olhar para os três homens – shifters – na sua frente.

— Você vê como o meu irmão observa, toca-se enquanto olha para as curvas do seu corpo, sentindo o cheiro de sua excitação?

Ainda assim, ela não respondeu, não podia.

— Você gosta do fato de três predadores, assassinos, a ter à sua mercê, capazes de fazer o que quiserem com você?

Ela não podia se mover, não conseguia nem respirar por causa da emoção e sentimento que se move através dela.

O mais velho, talvez até o alfa entre os três shifters da matilha, deu um passo à frente. Ele pressiona seu corpo contra o nu dela, e a sensação de quão duro ele estava penetrou em suas células, e correu em suas veias.

A sensação de sua pele contra a dela a excitava ainda mais. Uma parte sua queria gritar para lutar contra eles, porque era instintivo, seu modo de luta ou fuga estava ligado. Mas o lado submisso, o lado muito feminino dela entre esses três homens poderosos só queria fazer o que eles disseram.

Ela só queria sujeitar-se no mais básico dos sentidos.

Tudo o que queria era senti-los tomando-a, espalhando suas coxas bem abertas, passando a cabeça de seus paus sobre os lábios, e forçando-a a dar prazer a eles.

A transpiração cobriu sua pele, fazendo-o deslizar sua carne ao longo da dela de uma forma muito erótica.

— Você não tem ideia do quanto queríamos isso, esperamos por nossa parceira estar aqui conosco, doando-se de todas as maneiras. — Seu hálito cheirava como uma noite fria de inverno, masculino, mas limpo. — Você não sabe quanto tempo esperamos por esse exato momento em que poderíamos reivindicar você, marcá-la e enchê-la com nosso esperma até que esteja grande com nossos bebês. — Ele se aproximou e sussurrou em seu ouvido: — E você vai estar grande e grávida de nós, um após o outro.

Um tremor percorreu-a com a posse em sua voz.

Ele passou a língua pelo lado do pescoço dela e enviou arrepios por sua espinha. Os outros dois homens ficaram para trás, seus corpos nus, duros, enormes. Tocavam-se, enquanto olhavam para ela, como se a própria visão dela os excitasse, prendesse-os.

— Você está pronta para ser reivindicada por nós três?

Ela só pôde lamber os lábios e olhar para ele, não tendo certeza de como responder.

— Você está pronta para ter todos os orifícios de seu corpo preenchido por nós?

— Responda-nos, companheira.

Ruby pôde apenas acenar em sinal de rendição.

Um cobertor de suor cobriu Ruby quando voltou à realidade. Ela abriu os olhos e piscou algumas vezes, tentando se concentrar, tentando acalmar-se. Ruby não se moveu, apenas repetindo o vívido sonho mais e mais em sua cabeça, sabendo que estava acordada, mas seu corpo estava excitado.

Ruby não conseguia aguentar esses sonhos proibidos, não mais. Ela sentiu como se estivesse perdendo a cabeça. Aos vinte e cinco anos de idade deveria ter mais controle sobre o próprio corpo. Mas ela tinha esses sonhos, a mesma cena, a mesma intensidade, desde os dezoito anos.

Medo e excitação travaram uma guerra dentro dela, e tanto quanto sabia que isso não poderia ser saudável, que ter o mesmo sonho todas as noites durante anos não poderia ser normal, uma parte dela não queria que eles parassem.

Seus rostos foram gravados em sua memória, mesmo o cheiro deles: selvagem, indomável, e muito masculino. Mas mesmo sabendo como eram, Ruby sabia que eles não eram reais. Eles não podiam ser.

Ela tirou o lençol de seu corpo, respirou, e se sentou. Por um segundo, tudo o que fez foi sentar-se lá, com as mãos no colchão, seus olhos na janela. O relógio na sua mesa de cabeceira mostrava que eram cinco horas da manhã. Era tarde, ou cedo, dependendo de como ela encarava.

Não havia sentido em tentar voltar a dormir, não quando seus mamilos estavam duros como pedras e pressionado contra o material fino de sua blusa. Ela também estava molhada entre as coxas, uma sensação desconfortável devido ao fato de que não tinha nada além de si mesma para ajudá-la nesse departamento.

E se masturbar não teria ajudado. Ela sabia. Só iria piorar as coisas, fazer sua excitação ainda mais intensa.

Esta era uma tortura, pura e simples, e apesar de passar por isso há tanto tempo, ainda não estava acostumada à excitação intensa.

Talvez um banho lhe fizesse bem, lavar os restos de seu sonho erótico? Ou talvez só iria intensificar o calor que ardia lentamente dentro de si. Isso não importava no final, entretanto. O suor apenas a lembrou o que sonhou.

Ruby se dirigiu para o banheiro, acendeu a luz e olhou-se no espelho. A casa ainda estava silenciosa, e quando olhou para si mesma, para a mulher que parecia um desastre, tudo o que pôde fazer foi suspirar. Seu cabelo estava grudado na testa e na nuca, mas tudo em que podia pensar era na porra sonho.

Foda-se esse sonho e a frustração que me dá.



Capítulo

Dois

Três horas mais tarde, sem excitação e com uma xícara de café na mão, Ruby dirigiu-se para o trabalho. Sua casa alugada era uma pequena cabana localizada na mesma área que o centro de pesquisa em que trabalhava. Com tudo congelado e branco ao redor e o ar frio, as condições climáticas não eram algo que alguém pudesse se acostumar. Mas Ruby se acostumou, e preferia um dia frio a um intensamente quente.

Ela baixou a cabeça quando o vento aumentou. Colocou sua boca e nariz sob o cachecol que usava e pegou o ritmo, enquanto seguia para o centro de pesquisa.

Uma vez dentro, o cheiro de terra úmida e vida selvagem encheu seus sentidos. Trabalhar como uma pesquisadora de campo na Blake Arctic Research Center era seu emprego dos sonhos. O desejo de aprender sobre seus arredores e a flora e fauna era algo que sonhava em fazer desde que conseguia se lembrar. Ela não podia explicar a intensa necessidade de se

sujar, por assim dizer, quando veio para a pesquisa e seu trabalho, mas foi algo que ela aceitou, e pelo qual esperou.

E seu desejo e posição dentro da empresa finalmente trouxeram-na para o meio da tundra do Alasca para pesquisar partes inexploradas do mundo.

Depois de trabalhar cinco anos para a Blake Arctic Research Center, Ruby teve o reconhecimento e o cargo para ajudar e participar nas explorações.

— Bom dia, Ruby, — Clint disse, mas não olhou por cima de sua papelada. Ele murmurou algo para si mesmo, anotou algo no papel a sua frente, e, finalmente, levantou a cabeça para olhar para ela. Ele empurrou os óculos de armação preta até a ponte de seu nariz e sorriu.

Havia um microscópio empurrado de lado, papéis espalhados por toda parte e parecia que ele não foi para a cama ainda. Seu jaleco branco pendurado em seu corpo magro estava enrugado, e seu cabelo cor de areia estava desgrenhado.

Deixando a xícara de café sobre a mesa e tirando o casaco e cachecol, Ruby olhou para os papéis que o mantiveram acordado a noite toda.

— Outra longa noite?

Clint assentiu e até mesmo parecia um pouco envergonhado. A verdade era que ele fazia isso vezes demais.

— Eu queria ligar para você assim que achamos, mas já era tarde. — Ele puxou o microscópio mais perto. — Henry encontrou um espécime bastante interessante.

Alaska foi o lar de muitas coisas, grandes e pequenas, flora e fauna, mas Alaska não era um lugar que a maioria dos humanos gostaria de viver, não com as temperaturas extremas e ambientes estéreis. A maioria dos animais não viviam nesta parte do país devido às condições adversas.

Assim que ouviu falar sobre o centro de pesquisa remoto, exclusivo, Ruby imediatamente aceitou, sentindo essa atração.

Para outros, a ideia de um homem passar a noite toda olhando para amostras sob um microscópio poderia ter sido desencorajadora, mas não para Ruby. Ela, na verdade, achava muito cativante Clint ser tão dedicado a algo que realmente amava. Eles eram semelhantes nesse sentido.

— Venha aqui e olhe para isso.

Ruby aproximou-se dele e do microscópio ao qual ele apontou. Ela abaixou-se e olhou para a lente. As linhas azuis entraram em sua visão imediatamente.

— Eu tive que corar a amostra porque era difícil de enxergar. Você não vai mesmo ser capaz de adivinhar que espécime é, ou onde foi encontrada. — Clint parecia satisfeito consigo mesmo.

Ela ajustou o foco e olhou para ele novamente. Ruby reconheceu o que era no sentido básico, mas também era um pouco diferente do que estava acostumada a ver.

— É cabelo, mas não parece com o que já vi antes.

— Olhe para este. — Ele removeu o slide que ela estava olhando e substituiu-o por outro. — Estas amostras foram retiradas de uma caverna nas montanhas de Hashaka.

Este espécime pareceu o mesmo que o último. Tinha o mesmo corante azul para torná-lo mais fácil de distinguir. Ela olhou para as diferentes camadas e estruturas.

— De onde veio isso? — Era quase cabelo de cão ou lobo..., mas não.

O fato de que algo vivo foi encontrado nas montanhas de Hashaka a surpreendeu. A região de Hashaka era uma das mais desoladas e sem vida no Alasca.

— Sabe o que é? — Ruby ajustou a profundidade do microscópio para que pudesse obter um olhar ainda mais de perto dos fios. — É claramente cabelo, mas de que, exatamente? — Ela se endireitou e olhou para Clint, que tinha um largo sorriso.

— Sim, é cabelo, mas mais especificamente, o cabelo de algum tipo de lobo branco que sofreu uma mutação, ou evoluiu para viver nesta área.

Uma espécie evoluída de lobo?

— Portanto, nem sequer foi descoberto ainda, ou nos livros?

Clint sacudiu a cabeça.

Ruby olhou novamente através do microscópio, espantada com a visão diante dela.

— Quando e onde essas amostras foram coletadas? — As montanhas de Hashaka estavam cheias de cavernas, algumas muito profundas para qualquer explorador descer, porque era muito perigoso. Mas saber exatamente onde foram coletadas as amostras era crucial.

— Henry saiu a campo nas últimas quatro semanas. Ele chegou na noite passada e me mostrou o que recolheu imediatamente. — Clint soou tão entusiasmado, mas Ruby não poderia culpá-lo. — Estas amostras específicas são de cerca de uma semana atrás. Elas foram coletadas na região de Somset das cavernas de Hashaka, ao norte de Crishapaw.

— Clint, este é um achado enorme.

Clint balançou a cabeça e tirou os óculos para esfregar os olhos. — Esta é uma descoberta monumental.

Não havia muita exploração e coleta na região de Somset devido ao fato de que Hashaka era estéril de praticamente qualquer vida, e da temperatura e terreno perigoso manteve mesmo os exploradores mais experientes afastados. As cavernas naquela parte da montanha eram perigosas por causa do gelo e as temperaturas ainda mais baixas.

— Você já mostrou isso a mais alguém? — Ruby inclinou-se e examinou as amostras novamente, a cientista nela incapaz de impedi-la.

— Além de Henry ter me mostrado, e alguns dos outros trabalhadores de campo que ajudaram a pegar as amostras... — Ele balançou a cabeça. — Ninguém sabe.

As mãos de Ruby estavam suando de tão animada que ela fazia parte da descoberta.

— Isso precisa ser trazido à tona para os outros pesquisadores. Isto é enorme. — Ninguém jamais teria acreditado que vida poderia prosperar nesta parte do Alasca, muito menos uma espécie nova.

— É isso... — Quando Clint hesitou, Ruby olhou para ele. — Há apenas algumas amostras que foram coletadas. Se conseguirmos evidência mais sólida de vida – vida nova que nunca foi descoberta – isso significaria um avanço enorme, Ruby.

Ruby não duvidava de suas palavras, mas balançou a cabeça.

— O que você está dizendo? — O que ele estava sugerindo estava errado em muitos níveis, para não dizer idiota.

— Se eu e você pudermos coletar mais amostras nós mesmos, pensa no reconhecimento que teríamos. Você pode ter a posição de pesquisadora-chefe que sempre quis. Isso significaria grandes coisas para nós.

Ela arqueou as sobrancelhas e sacudiu a cabeça mais uma vez.

— Clint.

Ele ergueu a mão antes que ela pudesse terminar.

— Henry e os outros não sabem o que encontraram, não realmente. Tudo o que eles pensam que é alguma criatura já

descoberta que tem vivido nas cavernas. Nós sabemos a verdade, no entanto.

— Clint, o que você está sugerindo é errado de todos os jeitos possíveis. Esta não é a nossa descoberta. Fazer isso pelas costas dos outros para conseguir mais dados e amostras para nós ganharmos o reconhecimento é imoral e vai contra tudo o que acreditamos.

— Parece isso, Ruby, mas Henry está na empresa há apenas um ano. Ele não colocou o sangue, suor e lágrimas como nós. Nós merecemos isso mais do que ele. — Clint soou mais desesperado conforme o tempo passava.

— Clint, eu adoraria fazer uma expedição de campo, mas não há possibilidade de eu tomar o crédito pela descoberta de alguém. Além disso, há pilhas de papelada que têm que ser feita antes mesmo de conseguir a aprovação para sair.

Clint tirou os óculos e baixou-os. Ele beliscou a ponte do nariz e respirou. Ruby podia ver a frustração estampada em seu rosto, mas não se comoveu por causa das coisas que ele sugeriu.

— Eu não estou sugerindo levar o crédito pela descoberta de Henry ou dos outros, por si só.

Mas você está.

— Estou simplesmente sugerindo que você e eu voltemos lá e virmos o que nós podemos encontrar. Com as amostras que foram coletadas e trazidas, eu sei que há uma descoberta maior naquelas cavernas. — Quando ela não

respondeu, ele continuou. — Eu posso conseguir a aprovação para fazer a expedição, mas quero você no meu time.

A ideia de ir para essas cavernas e tentar descobrir o que estava vivendo dentro delas era muito atraente, mas ela só iria considerá-la nos seus termos.

— Eu só vou considerar ir com você, se levar as conclusões para o conselho e mostrar-lhes que Henry e os outros as coletaram. Se eles aprovarem a expedição, precisamos de uma equipe, Clint. Seria suicídio sair em campo apenas nós dois. Você sabe disso. — Ruby podia ver que Clint não estava satisfeito com suas sugestões, mas não havia chance de ela fazer de outra maneira. Ela não se importava em ser chefe do departamento de pesquisa, não se isso significasse outros não terem o justo reconhecimento que mereciam.

Vários minutos se passaram até que Clint finalmente respondeu.

— Essa é a única maneira de você ir comigo?

Ela assentiu.

— Você e eu sabemos que é a coisa certa a fazer. Estou surpresa por você ter sugerido fazer de outra forma. — Ruby realmente estava atordoada que Clint nutriu esta ideia. Se não fosse ser benéfico para o centro de pesquisa, bem como para a região do Hashaka que eles tentavam encontrar vida, Ruby não teria sequer considerado ir lá com ele. Era perigoso e traiçoeiro, e isso quando não havia uma tempestade de neve.

Mas Clint estudou aquela região por anos, e sabia bem.

— Tudo bem, vamos fazer do seu jeito.

A própria ideia de ir para as cavernas a emocionou, mas havia também uma parte dela que sentiu essa atração, este irritante incômodo na parte de trás do pescoço. Ela não sabia se era pressentimento, ou se sua expectativa de recolher mais amostras e resolver isto a consumia. De qualquer maneira, ela esperou ansiosamente para viajar para as montanhas, mesmo que isso pudesse custar sua vida.



Capítulo Três

Duas semanas depois

Ruby pegou sua mochila, verificou três vezes os suprimentos e equipamento, e saiu do laboratório de pesquisa e para o Snow Cat. Fazia duas semanas desde que Clint sugeriu sair em campo e recolher mais amostras. Depois que eles trouxeram tudo para o conselho, explicaram o que Henry encontrou, e fizeram a sua proposta, que recebeu aprovação.

Henry, surpreendentemente, declinou ir com eles para a expedição, talvez porque acabou de voltar de uma depois de estar fora por um mês, ou talvez ele simplesmente não estava tão interessado quanto eles estavam. De qualquer maneira, estavam saindo, e Henry ainda teria o reconhecimento que merecia, se estivesse ou não com eles.

Apesar do fato de que Clint foi honesto com a diretoria sobre quem realmente encontrou as amostras, Ruby poderia

dizer que ele estava frustrado com isso. Havia mais coisas na vida além de reconhecimento ou uma posição superior, mas alguns só podiam ver isso. Ficou claro que Clint era assim, e era uma pena.

Mesmo que eles não fossem capazes de encontrar a criatura real de onde o cabelo veio, encontrar mais das amostras seria extraordinário.

O clima estava especialmente horrível quando ela abriu a porta. Uma explosão ártica se chocou contra ela, e Ruby abaixou a cabeça e caminhou em direção ao veículo de expedição de duas pessoas que os levaria até as montanhas. Eles conseguiram seis outras pessoas para acompanhá-los até as cavernas. Mesmo com oito pessoas, uma parte de Ruby não tinha certeza de que gostava da ideia de ir lá fora, mas, em seguida, havia uma outra parte que tinha uma antecipação selvagem correndo por suas veias.

Isso a fez se sentir louca tudo no mesmo fôlego.

A verdade era que ela se sentiria mais segura tendo um pequeno exército com eles. Mesmo depois que expressou sua preocupação para o conselho sobre o perigo de se aventurar lá fora, com uma equipe tão pequena, eles simplesmente não tinham a mão de obra ou o orçamento para permitir mais. Clint não se importava, entretanto. Ele parecia em êxtase por estar indo para fora, sem dúvida, pensando que esta era a sua chance de conseguir fama.

A fama não é o que eu quero. Tudo que eu quero é melhorar o mundo.

— Vamos, estamos perdendo tempo e a luz do dia, — Clint gritou sobre o zumbido do Snow Cat e do vento que os açoitava.

Havia tão pouco sol durante esta época do ano e nesta parte do Alasca. Quando o sol decidia dar sua graça era em curtos intervalos de tempo antes que as nuvens o cobrisse, e desaparecia dentro de uma questão de horas quando a noite começava a aparecer. Este estilo de vida não era para todos, mas Ruby nunca teve um problema com isso.

Ruby e os outros carregaram os suprimentos, e então ela estava na máquina, sentada ao lado de Clint, enquanto ele se preparava para a longa viagem para as montanhas.

— Você está pronta para isso? — Ele perguntou com entusiasmo em sua voz.

Ela olhou para o homem que conhecia há anos, uma pessoa que ela respeitou até ele tentar roubar a descoberta de Henry e pôde apenas acenar. A verdade era que ela não sabia se estava pronta para isso. Ruby não estava assustada, por assim dizer, mas estava definitivamente ciente de que ir aquelas montanhas mudaria alguma coisa para ela. Ruby não soube por que se sentiu daquela maneira, ou o que aquilo significava, mas era tão claro quanto o homem sentado ao seu lado.

— Estou tão pronta quanto poderia estar, — disse honestamente. Mas ficou claro que Clint estava em seu próprio mundo, quando sorriu e olhou para fora do parabrisa dianteiro.

Pelas próximas horas Ruby se sentou em silêncio ao lado de Clint enquanto ele manobrava a máquina através dos ventos furiosos e da neve violenta. A visibilidade era próxima a zero no momento, mas felizmente todos eles eram experientes o suficiente para, embora a viagem fosse muito perigosa, eles permanecessem seguros até agora.

— Precisamos montar acampamento antes que o sol se ponha completamente e o tempo fique pior, — ela sugeriu. O resto da equipe ia atrás deles em seus próprios Snow Cats.

— Eu acho que podemos seguir um pouco mais.

Ela olhou para Clint em choque.

— Clint, é perigoso viajar com este tempo, especialmente à noite. Encoste para que possamos montar acampamento. Nós vamos chegar à montanha na parte da manhã.

Ele deu um aceno de cabeça, o rosto endurecido, sua irritação clara. Ruby não dava a mínima. Suas vidas eram mais importantes do que qualquer outra coisa.

Clint pegou o rádio e começou a falar com os outros membros da equipe, instruindo-os para acampar ali durante a noite.

Uma vez estacionados, todos começaram a juntar seus equipamentos e montar rapidamente antes que a temperatura caísse ainda mais.

As barracas, uma vez montadas, só comportariam duas pessoas, mas era melhor assim, e reteria mais calor. Ruby foi em várias expedições com Clint, assim, compartilhar os

limites apertados da barraca com ele, embora íntimo para alguns, não era raro ou estranho. Eles eram estritamente profissionais.

Levou uma boa hora antes de tudo estar montado, mas a temperatura era tão baixa, e o vento tão forte, que acender uma fogueira era impossível.

— Vamos parar pôr hoje, pessoal, — ela gritou sobre o tempo que chicoteava por eles. — Todo mundo tem equipamento para a noite, comida, água, e seus tapetes de aquecimento?

Houve um murmúrio de concordância, e então todos se dirigiram para as suas barracas pela noite.

Mesmo tendo estado fora apenas pelo tempo de montar a barraca, Ruby ficou dormente. Ela não estava fria, por si só, apenas tensa, e com os músculos doloridos. Uma vez na barraca, olhou sua bolsa. Em vez de vestir algo para dormir, estava tão exausta, que apenas escorregou sob seu saco de dormir e suspirou. Estava deitada em uma almofada aquecida, que era normalmente fornecida para expedições como essas. Ruby estava tentada a sair dela, porque era bastante quente, e ela começava a sentir suor entre os seios, mas empurrou de sua mente qualquer coisa que não fosse dormir.

Ela virou as costas para Clint, ouvindo-o se mover atrás dela.

— Você não quer comer alguma coisa? — Perguntou Clint.

— Não, eu comi no Snow Cat, e estou muito cansada, mesmo se estivesse com fome. — O tecido da barraca farfalhou com a força do vento, mas ajudou a acalmá-la para dormir e agora isso era tudo o que ela queria.



Ruby não sabia se era o vento uivando, ou o fato de que estava tremendo que a acordou. Ela abriu os olhos e piscou algumas vezes, mas tudo estava escuro como breu. Ela se sentou, o sonho de seus homens misteriosos rodando em sua cabeça. Seus dentes estavam batendo, mas não era porque estava com frio, nem mesmo quando percebeu que seu saco de dormir estava amontoado a seus pés.

Mas o sonho foi muito real, tão potente, e ela não pôde deixar para lá.

Eu não quero deixar para lá, porém.

— Ruby? — Clint murmurou o nome dela, sua voz grossa de sono. — Você está bem? — Ela não podia vê-lo através do espesso véu de escuridão, mas podia sentir o calor do corpo irradiando dele quando se moveu para sentar ao lado dela.

— Eu estou bem. — Ela alcançou cegamente a bolsa e começou a puxá-la de volta quando sentiu as mãos quentes de Clint em cima das dela. Ela congelou, muito surpresa por seu toque para afastá-lo.

— Cristo, você está tremendo. — Ela estava. E então sentiu que ele começou a esfregar suas costas, a mão quente, pesada. — Venha aqui. — Clint passou os braços em volta dos ombros e puxou-a para mais perto.

Ele começou a esfregar suas costas vigorosamente até que ela finalmente sentiu os tremores diminuírem. Seu sonho a abalou tanto desta vez.

— Sente-se melhor? — Perguntou Clint.

Ela assentiu.

— Obrigada, Clint.

— Vamos esperar que você não fique doente por causa disso. Seria péssimo.

Ruby não se incomodou em dizer-lhe que seu tremor não tinha nada a ver com ela estar com frio, e tudo a ver com o seu sonho realista e erótico.



Capítulo

Quatro

Ruby acordou com o som de dois caras da equipe falando bem do lado de fora de sua barraca. Ela piscou várias vezes até que tudo ao redor entrou em foco. Ainda estava meio escuro lá fora, mas não o breu que pensou que estaria.

Deve ser cedo para caralho.

Ela sabia que seria necessário se mover em direção às cavernas se quisessem aproveitar o tempo.

Levou um momento para perceber que Clint ainda estava ao lado dela, seu braço caiu sobre sua cintura, sua mão perigosamente perto de uma parte do seu corpo que ela preferiria que ele não tocasse. Obviamente em qualquer outro momento, ela teria visto quão inadequada esta situação era, mas dado o fato de que ele estava tentando mantê-la aquecida, e o fato de que eles caíram no sono assim, Ruby sabia que não era intencional.

Ela se moveu sob o saco de dormir, mas seus movimentos o colocaram mais perto dela. Seus braços se

apertaram ao redor de sua cintura, e ela parou. Um olhar sobre o ombro afirmou que ele ainda dormia, mas não pôde fazer nada além de sentir o constrangimento pela situação.

— Clint? — Ele não se mexeu. Ela agarrou sua mão e levantou-a de seu corpo e, em seguida, saiu de debaixo dos sacos de dormir. Ele não acordou. Rapidamente Ruby vestiu suas botas e casaco, um cachecol e o chapéu, e olhou por cima do ombro para ele. Clint piscou várias vezes, esfregou os olhos e, em seguida, tateou para pegar seus óculos.

— Que horas são? — Ele perguntou e sentou-se.

— Eu não tenho certeza, mas é cedo. — Ela procurou em sua bolsa por seu relógio. — Cinco da manhã. Precisamos começar a nos mexer.

Clint limpou a garganta algumas vezes e acenou com a cabeça.

— Sim, nós precisamos fazer as malas e sair.

— Obrigada novamente por ontem à noite. Você salvou a minha vida. — Provavelmente no sentido literal.

Ele se levantou e vestiu mais algumas camadas.

— Sem problemas. Eu sei que teria feito o mesmo.

Ela concordou, mas, mesmo sabendo de tudo isso, ainda se sentia estranha. A maneira como ele a segurou pareceu... diferente, como se fosse mais do que para aquecê-la. Não, não pensaria assim, porque eles não estavam aqui para qualquer outra finalidade, além para conseguir amostras e encontrar uma nova vida.

Ela só esperava que pudesse se livrar da estranheza, pois não queria se sentir assim durante toda a expedição.



Chegaram as cavernas dentro de algumas horas, o sol já estava alto, e tiveram que montar os equipamentos. Uma vez que estavam nas cavernas, Ruby entrou pela abertura apertada e excitação começou a pulsar em suas veias.

— É isso, Ruby. O que quer que encontremos poderá nos fazer famosos — disse Clint, na frente dela, e Ruby pôde apenas balançar a cabeça.

As lanternas que usavam forneciam luz, mas não chegavam muito longe. Com Clint liderando o caminho, ela atrás dele, e o resto da equipe atrás, estava lento, e eles estavam em alerta.

Ruby não se importava em se tornar famosa ou ficar rica. Queria ajudar sua investigação e as comunidades locais com o que encontrassem. Ruby queria ajudar o mundo, mesmo que tenha apenas ajudado a descobrir uma nova forma de vida que viveu em uma parte que todo mundo pensava ser estéril.

Quanto mais profundamente desciam a montanha, mais o ar em torno deles esfriava. Sua excitação ainda estava lá, mas também havia apreensão. Ela nunca se sentiu assim em uma pesquisa de campo, mas não podia se livrar da sensação de que algo estava para acontecer.

— Vamos aumentar o ritmo. O tempo está passando.

— Clint, precisamos ser inteligentes e estar seguros sobre isso. — Ela tinha as mãos na parede de rocha ao lado dela, a cabeça baixa e focada nas costas de Clint.

Clint não respondeu, mas estava se movendo muito rapidamente. Ruby respirou fundo, ajeitou a mochila e continuou avançando.

O terreno era irregular e cheio de gelo em cima. Apesar das inúmeras camadas cobrindo Ruby, o frio penetrou em seus ossos.

Eles andaram por quase uma hora, indo cada vez mais fundo na caverna até mesmo a luz das lanternas não conseguia penetrar na escuridão. O som de suas botas que se arrastavam pelo chão rochoso e gelado parecia ensurdecedor no túnel estreito.

— O túnel se ramifica e continua. Ele amplia, também — disse Clint.

O túnel estreito logo abriu até que eles não precisassem andar curvados e em fila.

Havia três túneis separados bem em frente a eles.

— Então, qual caminho vai ser? — Ela apontou a luz para cada túnel. — Onde é que Henry encontrou as amostras?

Clint tirou seu mapa e levou alguns momentos para decifrar.

— O plano de campo de Henry nos levaria por esse caminho. — Ele apontou para o túnel da esquerda.

Ela se aproximou de Clint e olhou para o mapa e o plano arquivado fornecido por Henry.

— Sim, esse é o túnel correto. Vamos indo.

— Eu acho que devemos escolher um túnel diferente — disse Clint, e Ruby parou e ergueu as sobrancelhas para ele.

— Por que ir por um diferente quando sabemos qual o caminho que Henry pegou as amostras?

Clint afasta o mapa.

— Você viu as amostras que Henry trouxe. Talvez haja apenas as fibras de cabelo naquele túnel. Se nós formos por um túnel diferente, podemos realmente encontrar o que estamos procurando. — Todos se olharam.

Era um raciocínio lógico, mas não era inteligente também.

— Quantos desses túneis foram explorados? — Perguntou ela.

— Nenhum, além do que Henry e sua equipe entraram. — Clint olhou esperançoso. — É por isso que ir por um túnel inexplorado seria benéfico.

Ruby não achava que queria a chance de ir por um túnel diferente, quando não sabiam com certeza se não haveria nada lá, ou o que poderiam encontrar. Eles sabiam que de fato havia vida no túnel do norte, ou pelo menos amostra de vida que esteve lá.

— Não, eu acho que nós deveríamos ficar com o túnel norte. Se não acharmos nada, sempre podemos voltar atrás e tentar outro.

Todos olharam para ela, e um momento de silêncio se passou antes que Aaron, um dos homens em sua equipe, falasse.

— Ruby está certa.

Ela olhou para Aaron, que ajustou sua mochila.

Clint exalou, olhou para os túneis, e, finalmente, concordou.

— Ok, mas se nós apenas encontrarmos mais amostras de cabelo, tentamos outra caverna.

Ela concordou.

Eles entraram no túnel norte e caminharam por mais uma hora antes de finalmente entrarem em uma grande abertura cavernosa. Estalagmites e estalactites de gelo espalhadas.

— Uau. — Um dos membros da equipe murmurou.

Eles devem ter visto fotos das anotações de Henry, mas não faziam justiça ao lugar. Era bonito de uma forma estéril, lotado de gelo.

— Olhe para este lugar. — Ela andou em círculos, tentando se orientar. Um momento depois luzes encheram a abertura. Ruby virou e olhou para Alex e Jason, dois dos membros de sua equipe, que estavam montando as lanternas

potentes que trouxeram. Jacob e Aaron estavam montando toda a parafernália de coleta de amostra e outros itens.

— Alex e Jason, por que vocês não começam a recolher amostras no canto leste? Ruby, você pode tentar o oeste, e eu vou começar no sul. — Clint latia as ordens, com a voz alta por causa do claro entusiasmo dele.

Todos foram para seus respectivos lugares.

Ruby se agachou e agarrou seu equipamento de coleta de amostras e um pequeno banco dobrável de sua bolsa. Ela colocou a lanterna ao lado e sentou-se no banco, olhando para a parede grossa de gelo a sua frente. Onde diabos eu deveria começar? Ela pegou seu picador de gelo e começou a raspar a espessura de rocha, congelada. Eles poderiam encontrar algo monumental aqui ou absolutamente nada. Só porque seus colegas descobriram coisas incríveis na caverna, não queria dizer que eles descobririam.

Várias horas depois Ruby estava morta de cansaço. Sua equipe praticamente raspou toda a abertura da caverna, mas além de alguns fósseis que não estavam muito bons, não encontraram nada. Ela olhou para gelo rachado e suspirou. Um sopro de ar branco passou em torno dela antes de se dissipar.

— Vamos parar para o almoço — disse ela para a equipe, mas enquanto os outros caras pararam para comer, Clint ainda estava debruçado sobre um microscópio.

A mesa improvisada que ergueram, alojava vários microscópios e amostras que já coletaram, mas nada que lhes deu uma pista do animal que esteve ali.

— Eu não entendo por que não estamos encontrando, pelo menos, os espécimes que Henry achou. — Disse Clint e empurrou o microscópio para longe. Ele soava e parecia frustrado.

— Henry e sua equipe ficaram um mês. Só porque não encontramos nada no curto tempo que estamos aqui, não significa que ele não esteja escondido dentro do gelo.

Clint olhou para o local da escavação onde Henry e sua equipe conseguiu o cabelo. Parte da equipe estava trabalhando lá imediatamente, mas não encontraram nada.

— Nós vamos achar alguma coisa. Basta dar-lhe tempo. — Ela se virou e se dirigiu até sua mochila para pegar alguma coisa para comer. Sentou-se apenas a alguns passos dele e viu como ele olhou em volta da caverna.

— Eu acho que nós precisamos explorar os outros túneis. Nós temos um curto espaço de tempo para essa exploração.

A ideia de se aprofundar na montanha e ver a vida que poderiam encontrar a animou, mas eles deviam ser pacientes. Podem não encontrar nada.

— Se amanhã nós ainda não tivermos encontrado nada, podemos procurar em outro túnel.

Clint olhou para ela, mas não respondeu.

— Vamos acampar aqui? — Um dos homens perguntou.
— Se não, teríamos que diminuir o tempo de escavação só para conseguir sair da montanha. Até então provavelmente vai estar escuro.

Porra, eles ainda não discutiram isso, o que deveria ter sido uma prioridade.

— Acampar aqui é bom. — Clint respondeu.

Havia sussurros enquanto a equipe comia e conversava sobre a expedição. Todo mundo na viagem estava ansioso para estar aqui, e tinham um conhecimento em ciência, mas estavam em diferentes estágios de suas carreiras.

Clint andou até ela, seu sanduíche na mão, focado na caverna. — Eu acho que o próximo túnel é a opção, Ruby.

Ela não se incomodou em responder, porque percebeu, durante toda esta situação que, quando se tratava de fama, fortuna, reconhecimento, Clint era uma pessoa totalmente diferente.

— Clint, eu sei que você está animado com esta expedição. Todos nós estamos. Mas você tem que pensar racionalmente e viver um dia de cada vez.

Ele não parecia satisfeito com o que ela disse, mas também não discutiu.

— Eu vim nesta viagem porque você pediu. Estou pedindo que você seja paciente e trate isso como qualquer outro momento que temos trabalhado juntos. Confie em mim para ajudar a tomar decisões.

Ele expirou, tirou os óculos e esfregou os olhos.

— Amanhã vamos tentar um novo túnel. Hoje à noite vamos terminar aqui, montar um acampamento e seguir a partir daí.

Ela assentiu, agradecida por ele estar sendo lógico, mas esperando que ele conseguisse entender que seu comportamento beirava o fanático, às vezes. Isso era algo com o qual ela não queria ser associada, e não o motivo pelo qual se juntou ao grupo, em primeiro lugar.

Eles acabaram de comer e estavam montando acampamento quando Ruby sentiu sua pele tencionar. Ela olhou ao redor, não vendo nada, além da equipe na caverna enorme, mas sentindo como se estivesse sendo observada, como se olhos estivessem sobre ela. Um tremor percorreu seu corpo. Ela esfregou os braços e disse a si mesma, uma vez que concordou em ir nesta expedição ela se sentiu... distante. Precisava estar com a cabeça no lugar, porque se não se focasse na tarefa pessoas poderiam ser feridas, especialmente nestas condições.



Capítulo Cinco

Ruby não conseguia dormir, então deitou em sua barraca e olhou para o material acima dela. Havia uma luz que concordaram em deixar ligada na caverna, porque enxergar algo sem tê-la seria impossível. Eles não se sentiram confortáveis quando a noite caiu. Depois da última noite compartilhando com Clint uma barraca, e a maneira como ele agiu o dia todo, Ruby educadamente explicou que queria sua própria barraca. Felizmente, ele não criou uma cena ou problemas, e, em vez disso, compartilhou a barraca com um dos membros da equipe que estava dormindo sozinho.

Esfregando uma mão sobre o rosto, ela sabia que precisava dormir um pouco porque sairiam cedo para ir aos outros túneis. Desta vez sozinha, com o silêncio ao redor, Ruby estava pensando muito. Pensou sobre os homens misteriosos com quem sonhava constantemente e sobre a sua vida, em geral.

Talvez fosse algo que tivesse acontecido quando era mais jovem, uma memória reprimida ou situação, que a fez ter os sonhos? Com apenas memórias de mudança de lares adotivos para lares adotivos, Ruby não sabia nada sobre sua vida antes disso. Ao mesmo tempo, queria saber sobre seu passado. Ela queria saber qualquer coisa, qualquer pequeno detalhe que poderia dar-lhe um pedaço de seu passado. Mas não havia nada para eles compartilharem. Então, Ruby foi em frente com sua vida, empurrando suas perguntas de lado, sem se preocupar com de onde vinha. A família dela, obviamente, não a queria, e ela não tinha ressentimentos por isso. Por tudo o que sabia, eles poderiam ter sido adolescentes sem quaisquer outras opções. Por tudo o que sabia ela poderia ter sido deixada na porta de uma delegacia de polícia. Por tudo o que sabia tudo o que achava que sabia sobre si mesma não fosse nem mesmo verdade.

Não foi até que encontrou uma espécie de consolo na ciência, a paz e a harmonia, que descobriu que não importava de onde veio. Só importava para onde iria a partir deste ponto. Ela estava feliz com quem era, com o ponto onde estava na vida, e não estava deixando os "e se" consumi-la.

Ruby rolou para o lado e suspirou, tentando pensar sobre a viagem, em vez de sua vida. Ela odiava esses momentos de silêncio, às vezes, mesmo quando não estava realmente sozinha. Havia membros da equipe em torno dela, e poderia até mesmo ouvir alguns murmúrios baixos. Mas ela estava nesta barraca, isolada, e tudo o que pensava era em todas as coisas que não deveria.

Fechando os olhos, levou apenas alguns instantes antes de finalmente sentir o peso do sono levá-la.



Ruby estava no centro de uma caverna enorme, a única luz vinha de cima dela. Ela não podia ver nada além de trinta centímetros a sua frente, mas mesmo com tudo isso, Ruby não sentia medo. Ela também sabia que estava sonhando, e a antecipação selvagem a encheu.

Girando em um círculo, tentou ver algo além da escuridão, mas não havia nada. A sensação de estar sendo observada era forte, e os cabelos em seus braços se arrepiaram. Foi então que percebeu que estava completamente nua. Mas não havia nenhum constrangimento sobre isso, e ela não sentiu necessidade de proteger-se.

Ruby sentiu-se livre.

— Você veio para nós — disse uma voz profunda de dentro da escuridão. Ela virou-se, tentando ver, mas sabendo que não seria capaz.

— Você finalmente chegou — disse outro homem.

— Sabíamos que viria — disse a terceira voz masculina.

Seu coração começou a bater rápido e forte. Ruby reconhecia suas vozes, memorizou porque as ouviu durante anos em seus sonhos. Como uma reação instantânea, ela

ficou molhada, excitada. Seus mamilos endureceram, e seu corpo formigava. Ela estava pronta para estes homens.

Então eles avançaram e ela sentiu seu coração saltar à garganta quando os três se aproximaram da luz.

Não, não eram homens, mas monstros.



Eles levantaram cedo, empacotaram as coisas e agora estavam indo em direção ao outro túnel. Ela não sabia se teriam tempo para pesquisar todos os túneis antes de terem que terminar a expedição

Ruby não pôde esquecer seu sonho mais recente. Os homens... os animais que eles mostraram a ela, e a excitação intensa que sentia. Mas não foi apenas sobre o seu desejo, mas também sobre as emoções correndo através dela. Ruby se sentiu selvagem, indomável. Ela sentiu-se livre. Mas Ruby sabia que seus sonhos eram apenas isso: sonhos, não eram reais, e todos estavam em sua cabeça.

Mas esse sonho em particular, diferente de qualquer um dos outros antes, tinha um quê de pesadelo. Embora não tenha ficado com medo – chocada, sim –, o sonho agarrou a ela como uma camada de transpiração, fazendo-a sentir-se quente e pegajosa, quase sufocante.

— Só mais um pouco e devemos chegar ao fim do túnel
— disse Clint.

A equipe estava em fila única, o túnel era estreito e confinado, assim como os outros que passaram.

Eles estavam andando pela última meia hora e parecia que o túnel era menor do que o último, mas isso não significava que a caverna seria menor.

— Eu posso ver algo lá na frente — disse Clint, mas houve um grito de trás da fila e todos pararam.

— O quê? — Ela gritou de volta, mas houve um ruído, antes de outro grito.

— Há algo no túnel.

— O quê? — Ela gritou, o pânico se instalando. — O que você quer dizer?

— Apenas continue.

— Clint, anda. — Ela disse e empurrou-o para a frente. Eles estavam se movendo mais rápido agora, seu coração acelerado com o que um dos membros da equipe disse.

Algo está no túnel?

Quando finalmente entraram na caverna, Clint caiu para a frente, e Ruby caiu atrás. Ela caiu sobre suas mãos e joelhos. O resto da equipe veio caindo para dentro do túnel, até o medo saturar o ar. Ruby se levantou, enfrentou a abertura da caverna, e esperou para ver se alguma coisa iria entrar.

Mas a parte estranha de tudo isso, o fato que não conseguia entender, era que não sentia medo. O que sentia era a antecipação, o sangue correndo por suas veias, e o

poder fluindo através dela. Foi essa sensação estranha, que ela nunca sentiu, mas mais uma vez, ela nunca esteve em uma situação como esta antes.

— Acenda uma luz — ela gritou, e um momento depois a luz de uma das lanternas grandes encheu a sala. Ela olhou ao redor, não vendo nada, além de um monte de membros da equipe assustados para caramba. — Que diabos foi isso? — Perguntou, sentindo seus músculos se contraírem. Seu coração bateu mais rápido, e sentiu esse formigamento por toda parte.

— Algo estava no túnel atrás de mim, e era enorme. — um dos rapazes disse, e Ruby olhou. Ele parecia assustado, os olhos arregalados e as mãos tremendo.

— Eu não me candidatei para isso — disse outro homem.

— Eu também não.

— Isso é louco para caralho.

Todo mundo começou a expressar sua opinião sobre o assunto, e ela sabia que precisava ter tudo sob controle antes que as coisas fossem de mal a insano para caralho.

— Vamos apenas nos acalmar — disse ela, erguendo as mãos, na esperança de acalmar a todos. — Marshall, tem certeza de que sentiu alguma coisa? Tem certeza de que não poderia ter sido outra coisa?

Marshall sacudiu a cabeça.

— Foi grande, tipo maior do que eu, Ruby. — Sua voz estava tremendo. — Tinha pelo, e eu juro que senti uma garra correr pela minha perna. — Ele olhou para a perna, em seguida, como se estivesse lembrando. Ele virou-se para que ela pudesse ver o pequeno rasgo na perna da calça. Ruby não mencionou que isso poderia ter acontecido com um caco de gelo, ou mesmo um pedaço de parede de pedra.

— Não, eu não posso fazer isso — disse Marshall. — Eu não posso ficar aqui mais um minuto.

— Marshall, por favor, acalme-se. Tudo vai ficar bem. — Ela tentou acalmar as coisas. — Clint, diga a eles que tudo vai ficar bem.

Clint não falou por longos momentos, mas depois tirou os óculos e limpou-os.

— Qualquer um que queira partir, pode. Vocês não estão sendo forçados a ficar aqui. Podem acampar do lado de fora da montanha, e esperar até terminarmos a exploração.

Ela olhou em choque para Clint.

— As coisas não são sobre isso agora.

— Isto é o que é, Ruby. — Clint colocou os óculos.

— Como não está preocupado com o que Marshall está dizendo?

Clint encolheu os ombros.

— Nós não sabemos nada agora. Marshall, provavelmente, roçou contra a parede de pedra.

— Clint, eu acho que sei a diferença entre uma criatura e uma parede de merda. — Disse Marshall, com a voz elevada, seu medo claro.

— Todo mundo, acalmem-se. — disse ela novamente. Ruby olhou ao redor da caverna e viu que havia duas entradas separadas além daquela em que entraram. Porém, assim que estava prestes a dizer algo, tentando acalmar Marshall e o resto da equipe, que estavam no limite, um rosnado baixo ecoou pelas paredes da caverna de gelo. Todo mundo congelou. Ruby não respirava, e jurou que seu coração ia saltar através de seu peito.

— Que diabos foi isso? — Um dos rapazes disse, mas ninguém respondeu de imediato.

Todos eles ali, virando-se em círculos, olhando para dentro da caverna, e talvez esperando o que quer que fez aquele som aparecer arrebatando as paredes.

— Que inferno de criatura faz esse barulho? — Outro membro da equipe perguntou.

— Como algo pode sobreviver nesta montanha, nesta maldita área? — Outro perguntou.

— Shh. — Clint disse, sua irritação clara. — Todos vocês sabiam no que estavam se metendo.

Ruby olhou para todos, vendo a incredulidade pelo que Clint falou.

— Não, nós concordamos em sair e recolher amostras. — Disse Marshall, ajustando sua mochila. — Nós não

concordamos em enfrentar o que quer que esteja fazendo esse barulho.

— Quem sabe o que é, ou quanto ele evoluiu após viver aqui. — Outro respondeu.

— Nós concordamos em escavar, obter amostras. — Disse outro.

— De jeito nenhum eu vou ficar aqui com algo que soa como aquilo. — Disse Marshall e se virou para olhar para o resto da equipe. — Eu não sei sobre qualquer um de vocês, mas eu com certeza não me candidatei para enfrentar o inexplicável.

— Sério? — Disse Clint. — Você está nesta equipe porque é exatamente para o que você se candidatou. O que você acha que uma expedição é? — A sala ficou em silêncio, mas alguns dos membros da equipe deslocava em seus pés. — Estamos aqui para descobrir o inexplicável. Se você está tão inflexível em sair, ninguém está te impedindo.

Marshall sacudiu a cabeça.

— Não, eu não me candidatei para isso, Clint. Eu não vou arriscar a minha vida, ou pior, ficar preso nesta montanha, para que seu ego possa ser acariciado se encontramos alguma coisa.

— Algo nos encontrou em vez disso. — Richard disse após Marshall falar.

Marshall encarou Ruby novamente.

— Sinto muito, Ruby, mas não posso continuar com a expedição. Vou esperar fora da montanha por você, no entanto.

Ela assentiu com a cabeça.

— Você é livre para fazer o que quiser. — Ela queria explicar que as coisas ficariam bem, mas como poderia dizer isso se sequer sabia se seria assim que funcionaria?

— Se alguém quiser se juntar a mim, agora é a hora. Quem sabe que outra fodida merda tem nessa montanha. — E então Marshall estava saindo pelo túnel pelo qual vieram, sua postura rígida e a cautela escrita em seu rosto.

— Sinto muito. — Disse um dos membros da equipe.

Ela ficou chocada quando todos eles saíram, mas mais uma vez que não sentia medo, de modo que não pôde deixar a emoção sobrepô-la.

E então era só ela e Clint, quando se virou para olhá-lo.

— Talvez devêssemos desistir, Clint. Marshall tem um ponto.

— Nós viemos até aqui para encontrar algo novo, e nós encontramos. — Disse ele com firmeza. — Eu não vou sair, mas se você quer deixar o medo te levar, pode sair, porra. — Ele se virou e olhou em volta, para a luz brilhando onde a equipe deixou. — Eu irei descobrir o que está vivendo aqui, e vou ter meu nome ligado a isso. — Ele olhou por cima do ombro para ela. — Tenho trabalhado para isso toda a minha vida, e não vou deixar que nada nem ninguém me pare, nem

mesmo você, Ruby. — Ele disse a última parte com irritação em sua voz.

Ela se afastou, chocada com a raiva que ele dirigiu a ela.

— Clint, que merda? — Mesmo que tivesse tentado acalmar a equipe, ela não poderia culpá-los por querer sair. Mas Clint estava agitado, e toda esta expedição mostrou-lhe um outro homem, que ela realmente não se importava.

Clint começou a andar em direção a um dos outros dois túneis, e ela deu um passo, com o coração batendo forte.

— O que você está fazendo?

Clint parou e se virou.

— Eu não vou ficar aqui e esperar o tempo passar.

— Clint, se vamos ficar nós precisaremos contatar o escritório principal, diga-lhes o que está acontecendo.

Ele balançou a cabeça e olhou para os túneis novamente.

— O resto dos membros da equipe irão informá-los assim que estiverem fora da montanha.

— Não, nós precisamos contatar eles, Clint. Nós somos os líderes da expedição.

Clint já estava longe dela, indo em direção ao túnel. — Então vá, Ruby. Faça a chamada. Eu vou ver o que está acontecendo aqui. — Ele entrou na caverna, e a luz foi extinta, a única iluminação vinda do headlamp que ela usava.

— Clint! — Ela gritou, mas ele a ignorou e continuou entrando no túnel. Logo, ela não podia vê-lo ou a sua luz.

— Merda. — Disse suavemente, virou-se, mas a luz em sua cabeça iluminava apenas alguns centímetros a sua frente. E então ela sentiu essa brisa leve na parte de trás do pescoço. Virou-se, mas não havia nada lá. O toque de algo se movendo em seu braço a fez virar na direção oposta, mas novamente não havia nada.

Não havia medo nela, mas quando inalou profundamente algo aterrissou sobre seu corpo, algo feroz e forte. Era algo que nunca sentiu antes. Seu coração disparou, as palmas das mãos ficaram suadas, e seus seios ficaram pesados.

Deus, o que está acontecendo?

Ela poderia ter tentado raciocinar sobre o que estava acontecendo, que era sua mente "brincando com ela". Ou poderia até dizer que haviam produtos químicos no ar, ou a pressão na caverna. Ela poderia ter pensado em uma dúzia de diferentes cenários que a faria se sentir assim, mas sabia que nenhum deles era correto. Como sabia disso, não sabia, mas sentiu a segurança preencher todos os espaços em seu corpo.

Ela seguiu Clint, mas assim que entrou no túnel, a sua luz foi atenuada no negrume dos pequenos limites, ela tropeçou, sua perna torceu, e ela caiu. Sua cabeça bateu no chão duro e gelado, e suas pernas protestaram de dor. A

escuridão que a rodeava não tinha a ver com o ambiente tipo caixão, mas sim com a pancada na cabeça.



Capítulo

Seis

Ruby não soube o que a acordou, mas a realidade bateu de volta nela rapidamente. Lentamente abrindo os olhos, ela foi recebida pela primeira vez com um teto de rocha, cristais de gelo saltando na luz, e lançando prismas nas paredes cavernosas.

Memórias se chocaram contra ela, se levantou ligeiramente e olhou para sua perna. Ela caiu, se feriu gravemente. A dor foi grave o suficiente para ter lágrimas enchendo seus olhos. Mas então ela desmaiou.

Onde estou?

Ela se apoiou em suas mãos para levantar a parte superior do corpo. Estava deitada em algo macio, e olhou para baixo para ver que eram grossos cobertores. Um olhar ao redor da caverna mostrava que alguém claramente vivia ali. Sua cabeça doía um pouco com o movimento, mas o desconforto desapareceu rapidamente até que era apenas uma dor surda.

Que bizarro.

Como é que alguém poderia viver nesta montanha, nestas condições?

Além da cama em que estava, havia outras coisas "modernas" no espaço enorme. Tanques de propano estavam ao lado de um pequeno fogão que poderia ser usado para acampar. Refrigeradores estavam ao lado, assim como outras duas camas. A bacia grande o suficiente para uma pessoa se sentar estava em frente a elas. Havia também um rack para sustentar carne e peixe.

Onde diabos eu estou?

Ela tentou se mover, mas a dor na perna, finalmente, tornou-se conhecida de novo, como se não quisesse que esquecesse que estava ferrada. Ofegante e estendendo a mão para colocar sobre a bandagem que estava enrolada em sua perna, ela cerrou os dentes e olhou. Alguém cortou suas calças e equipamento térmico, e, embora não estivesse usando um casaco, não sentia o frio no ar.

E então ela ouviu o som de alguém se aproximando – não, não alguém, mas mais de uma pessoa se aproximava. Ela virou a cabeça em direção ao único túnel da caverna, seu coração parecendo ainda estar em seu peito, a garganta se fechando e a boca seca.

Ela deveria tentar esconder? Afastou o pensamento quando soube que não seria capaz de ficar de pé, imagina correr. Ruby procurou em torno por algo para usar como uma arma, mas qualquer coisa que poderia ser usada estava

do outro lado da caverna, e não teria tempo para pegar, mesmo que pudesse ter se movido antes de quem vinha chegar até ela.

Então, tudo o que Ruby podia fazer era sentar-se lá com o coração na garganta.

E então ela os viu, três homens, enormes, parcialmente nus, com exceção das calças de couro que usavam. Reconhecimento bateu nela. Ela os conhecia... de seus sonhos.

Eles eram os três homens que encheram seus sonhos nos últimos anos.

Como isso é possível?

Eles não usavam sapatos, mas estava claro que o frio não estava os incomodando. Uma vez que os três saíram do túnel, pararam e olharam para ela. Seus cabelos estavam bagunçados, com os fios mais longos chegando aos seus ouvidos. Mas era seus corpos, seus músculos enormes, o fato de que tinham cumes e colinas, vales e depressões que estavam aquecendo-a rapidamente.

— Você está acordada. — Disse um deles e deu um passo para trás.

Levantou-se, sem se importar que sua perna doía. Não estava tão ruim como quando aconteceu pela primeira vez, mas ainda era desconfortável.

— Sua perna deve estar curada dentro de algumas horas. — Disse o segundo homem, mas não se mexeu.

Ela olhou para a perna, não tendo certeza como ele poderia saber isso. Mesmo uma entorse levaria alguns dias para curar.

— Certamente você não está surpresa com essa notícia?
— O terceiro disse finalmente, sua voz profunda e áspera, assim como os outros dois.

— Onde estou, e o que querem? — Ela manteve a voz calma e firme, e por incrível que pareça, foi relativamente fácil. Embora estivesse nesta situação, não tendo certeza do que estes homens planejavam fazer com ela, Ruby não sentiu o tipo entorpecente de medo que assumiu que teria.

Todos eles se afastaram da entrada da caverna e foram até onde paletes foram instalados. Mas eles não se sentaram, em vez disso, apenas ficaram lá e a encararam.

— Onde estou? — Ela perguntou novamente.

— Nós te trouxemos para onde vivemos, para estar conosco. — Um dos homens disse.

Ela balançou a cabeça, embora não soubesse para o que estava dizendo não.

— Você está aqui porque foi feita para estar aqui. — Disse o primeiro que deu um passo à frente. Eles eram todos semelhantes na aparência, assemelhando-se uns aos outros com o cabelo escuro e olhos azuis claros. Eles deviam ser parentes. — Você está aqui porque você é nossa companheira e estivemos esperando por você.

Ela franze as sobrancelhas, sem entender nada disso. — O que? Companheiros? Eu estou aqui porque eu estava destinada a estar? — Isto não faz sentido. Ela pensou em Clint, sobre onde ele foi. Certamente a ouviu cair? E se tivesse apenas a deixado lá? Se ele tivesse tentando ajudá-la, mas estes três, claramente instáveis, homens fizeram alguma coisa com ele?

Um dos outros homens veio para frente, confusão em seu rosto. Ela podia ver a mesma expressão em todos os seus rostos agora, e podia sentir o cheiro no ar.

Espera o que?

Ruby inalou, e o cheiro que veio a partir deles foi esse fresco aroma cítrico que formigava em seu nariz. Ela o reconheceu instantaneamente com confusão, embora não tivesse ideia de como sabia disso.

— Você não sabe o que você é, quem você é? — Um deles disse.

— Você não tem ideia do que somos para você? — Disse outro.

— Como é que nossa companheira não nos reconhece por instinto? — Disse o terceiro, dirigindo-se a eles, mas também a ela.

Ela enrolou suas mãos em punhos, sua raiva crescendo, este poder se movendo por ela.

— Que diabos está acontecendo? — Disse finalmente, sua voz elevada, sua confusão, aborrecimento e agitação real.

E, em seguida, o cheiro cítrico alterado para algo mais sombrio, mais intenso e agradável. Ela reconheceu como excitação.

— Sou Stanis, e estes são meus irmãos, Casis e Malachi.
— Ele deu um passo mais perto.

— Eu não sei o que está acontecendo. — Disse ela, sentindo as emoções e sensações bombardeando-a.

Ele parou a alguns centímetros dela.

— Você quer ver o que você é, o que somos?

Ela assentiu, não tendo certeza se queria, mas agora tinha a necessidade de algumas respostas.

— Eu não sei o que está acontecendo, e estou me sentindo como se fosse explodir. — Talvez um pouco dramático, mas neste momento ela se sentia assim, sentiu que poderia arrancar sua pele e nem sequer se perturbar.

— Mas você já sonhou com nós. — Ele afirmou.

Ruby encontrou-se balançando a cabeça.

— Já sonhei. — Por que estou dizendo-lhes qualquer coisa sobre mim?

— Por anos. — Ele disse de novo e deu um passo mais perto.

Ela assentiu mais uma vez.

— Desde que eu tinha dezoito anos.

Ele fez esse som baixo, quase animalesco.

— Você não sabe nada de seu passado, de onde você veio?

Ela balançou a cabeça, não sabendo por que se sentia tão confortável entre esses três estranhos.

Porque ele já sabe tanto sobre mim.

— Diga-nos o seu nome. — Disse o chamado Stanis.

Ruby lambeu os lábios e viu-se respondendo, mesmo que não devesse ter dito nada. Ela não tinha ideia de quem eram, ou qual sua real intenção com ela.

— Ruby.

Uma vibração encheu a sala, e percebeu que vinha dos três homens.

— Conte-nos mais. — Disse Casis.

— Eu fui abandonada, colocada em um orfanato, e não sei nada do meu passado ou a minha família. — Ela engoliu em seco, sentindo suas paredes quebrarem, suas emoções saírem. Não conseguia se conter. — Eu parei de procurar respostas há muito tempo.

O homem deu mais um passo para a frente, mas ela balançou sua cabeça. Ele parou instantaneamente.

— Você quer ver de onde você vem? — Um dos outros homens disse e deu um passo à frente. O terceiro homem fez o mesmo. Ela olhou para os três, os viu olhar para o outro, e sentiu o ar engrossar, ficar quente.

— Você quer ver o que você é? — Disse Stanis, e ela se viu acenando, mesmo que não tivesse ideia do que ele queria dizer.

Mas ouvi-lo dizer algo se encaixou dentro dela, e foi como se esse reconhecimento a enchesse.

— Sim. — Sussurrou.

Stanis deu um passo para trás, assim como os outros dois, e depois puseram-se em uma linha. Um segundo passou, e então eles começaram a respirar mais forte, mais rápido. Ela sentiu o suor entre os seios e para baixo, o comprimento de sua coluna vertebral.

— Eu espero que você esteja pronta, companheira.

Eu não estou.

Havia este som de estalo, como se a eletricidade percorresse a caverna. Seus corpos ficaram maiores, mais altos, seus músculos tornando-se ainda mais pronunciados. Garras nas ponta de seus dedos, presas tocaram os lábios inferiores, e seus olhos tornaram-se negros, as pupilas comendo as íris azuis.

Meu Deus. Em que me meti? Por que ainda estou aqui?

O instinto de fuga se ativou. Ela não pensou, apenas correu para fora do túnel, grata que estavam do outro lado da sala. Ela bombeou suas pernas duro e rápido, empurrou o desconforto na perna, mas os ouviu atrás dela. Eles estavam vindo atrás dela, e sabia que eles iam pegá-la.



Capítulo

Sete

Ela poderia correr, mas eles a encontrariam, a pegariam. Ela estava confusa, não tinha medo, mas não estava certa sobre a situação. Talvez eles devessem ter levado as coisas devagar, mas esperaram a vida inteira por ela.

Stanis correu mais rápido, fez curvas e voltas no túnel, seguindo o cheiro dela. Seus irmãos foram atrás dele, o ronco baixo de excitação e necessidade os deixando. Eles anteciparam isso, estavam ansiosos para pegá-la. Stanis não sabia que ia correr, porque ele achava que uma companheira instantaneamente iria querê-los.

Eles a queriam no momento em que a farejaram na montanha.

Mas ela não foi criada como eles, não viveu a vida shifter. Ruby era um ser humano, no sentido de que foi

criada pelas espécies inferiores. Ela talvez não pudesse mudar como eles, porque era mulher, mas ele viu seu lobo aparecer, provavelmente pela primeira vez em sua vida. Ele cheirou a força, o poder que a enchia. Ele viu seus olhos mudarem, viu o início de suas presas. Não podia culpá-la por ter medo.

Ele supôs que se tivesse estado no lugar dela, faria o mesmo.

Mas Stanis e seus irmãos esperaram por sua companheira – ela – desde seu ápice, que foi quando fizeram dezessete anos. Eles tinham muito a falar, muito a explicar. Mas tinham todo o tempo do mundo.

— Ela pode correr, mas ela não vai chegar longe.

Ele ouviu a voz de Casis em sua cabeça. Uma vez em suas formas shifters, podiam se comunicar telepaticamente. Quando Ruby finalmente aceitar o que e quem era, e abraçasse a loba, ela entenderia tudo que viria com ser quem eram. Ela era fechada, porém, isso era uma barreira que precisava romper.

— Deixe-a descarregar esta energia crua — disse Malachi.

— Ela está com medo de si mesma, de nós, e confusa sobre o que está acontecendo. Ela pode correr, mas concordo, não vamos deixá-la ir. — Stanis foi quem respondeu e pegou sua velocidade.

Ela não conhecia as cavernas, mas do jeito que seus olhos mudaram ele sabia que ela podia ver na escuridão,

como se estivesse cheio de luz. Mas ela se virou e se viu de volta na caverna. Eles decidiram fazer a sua casa nesse ponto particular por essa razão, porque os túneis torciam e viravam, e era difícil até mesmo chegar a ele se o local não era conhecido exatamente.

Era apenas uma questão de tempo até que ela aceitasse tudo isso, antes que tivesse escolha. E quando ela aceitasse, seria deles de todas as maneiras.



Ruby sentiu como se estivesse correndo em círculos, mas o que a chocou nessa situação toda, o que tinha um aperto firme sobre ela, eram várias coisas.

Ela podia ver no escuro... perfeitamente.

Sabia que estava correndo muito mais rápido que um ser humano deveria.

E podia ouvi-los bem atrás dela, ouvir sua respiração, e cheirar o seu perfume.

Havia também o fato de que, em vez de temer por sua vida, em vez de ter medo da morte, tudo o que Ruby sentiu foi o calor através dela, e uma excitação do tipo que nunca sentiu antes.

Bombeando os braços com mais força, movendo as pernas mais rápido, Ruby tomou outro rumo, sentindo-se como se estivesse andando em círculos. E então ela parou abruptamente, quando correu direto para o lugar de que estava fugindo... a caverna.

Seu peito subia e descia, seu coração disparou, e sentiu a selvagem energia poderosa correr por suas veias. Avançando para a caverna e olhando em volta, ela sentiu como se tudo que conheceu, que já pensou ser real, era tudo uma mentira, um sonho.

Ela os ouviu se aproximando antes de vê-los. Olhando para a entrada da caverna, Ruby fechou os punhos, sabendo que precisava manter a calma. Ruby tinha perguntas, e sabia que esses homens eram os únicos que poderiam dar respostas a ela.

Em seguida, entraram na caverna, e ela se acalmou, mas também ficou mais intensa. Suas emoções, os sentimentos que a percorriam, tudo isso levantou-se como um tsunami sobre ela.

Ruby os assistiu, seus corpos tão grandes, meio seres-humanos, meio-shifters algo que ela deveria ter temido. Mas não temia. Ela realmente se sentia tão molhada pelo fato de eles parecerem primais e perigosos.

Uma intensidade diferente de tudo o que já sentiu correu dentro dela, roubou seu fôlego, e fez seu corpo tremer em antecipação. Ela descobriu a verdade de quem e o que era, e por incrível que pareça, também se sentia bem.

O pulso dela parecia bater em todos os lugares, mas foi muito mais pronunciado em sua boceta, no clitóris, e todas as outras zonas erógenas de seu corpo. Malachi deu um passo adiante, seu corpo já meio transformado, suas pupilas dilatadas, e seu lobo ali na superfície. Ele não se parecia com

um monstro; nenhum deles parecia. Ele parecia um homem com que pudesse se relacionar, uma espécie da qual ela veio. Por muito tempo esteve confusa, este incômodo desconforto na parte de trás de sua cabeça. E agora ela sabia por que. Agora ela sabia o que era.

Casis e Stanis vieram para frente, enquanto seu pulso batia na base de sua garganta, o som enchendo aos seus ouvidos. Apesar do fato de que ainda estavam na montanha e do gelo em torno deles, Ruby sentia calor.

— Você correu. — Malachi foi quem falou.

Ela olhou para todos os três, seus corpos tão grandes, os olhos completamente pretos, e suas presas pronunciadas.

Eles eram shifters – shifters-lobo – mas não eram as criaturas que já leu na ficção. Eles não eram homens que viravam fera, mas mais uma combinação dos dois.

— Você correu de nós, e não vamos aceitar isso, companheira. — Disse Casis, com a voz distorcida porque era esta criatura homem-lobo.

Sim, ela fugiu, mas como eles poderiam pensar que ela não faria isso? Uma parte dela estava com medo, não destes homens, mas do que sentia.

Tudo isso era muito estranho.

Eles vestiam apenas calças de couro, e era claro que os três estavam excitados por ela, sua ereção pressionando contra o material. Ela deveria ter se sentido chocada, talvez até mesmo com nojo porque esses homens estranhos não

faziam questão de esconder sua excitação. Mas Ruby não sentia nada disso. Ela apenas sentia esse poder.

Olhando para sua perna, ela não sentia mais dor.

— É porque seu lado lobo saiu, assumiu. Ele te curou de dentro para fora. — Disse Stanis.

Deus, isso é real? Talvez eu esteja morta e em algum limbo? Talvez eu esteja deitada em um túnel escuro alucinando?

Parecia-lhe tão fantástico, mas tão estranho quanto era, Ruby poderia dizer honestamente que não queria que acabasse.

E a parte mais louca de tudo isso? Não seria louco apenas... aceitar?



Capítulo Oito

Ruby não conseguia respirar, mas sentia essa energia se mover através dela.

Ela olhou para os três homens, ninguém se moveu, além de falar por longos momentos. Eles eram tão ferozes e selvagens quando olhavam para ela. Stanis se aproximou, os três pararam a um metro e meio de onde Ruby estava. Stanis deu mais um passo para frente, e outro, até que ele estava a apenas alguns centímetros dela agora, o cheiro selvagem dele enchendo a cabeça dela, embebedando-a disso. Se ele respirasse profundamente, seu peito iria encostar contra o dela. Ruby esticou o pescoço, porque desta forma os homens tinham mais de dois metros de altura.

Ela forçou os olhos a permanecerem abertos, obrigou-se a manter o seu olhar, para manter-se no lugar. Mas o cheiro dele, de todos eles, a fez se sentir intoxicada.

— Você está confusa sobre tudo isso. — Disse Stanis, sua voz tão profunda e distorcida quanto a dos outros dois homens. —E todas as suas perguntas serão respondidas.

Ela estava respirando mais forte, não era capaz de controlar os sentimentos e emoções que se deslocam através dela.

— Eu não sei o que perguntar, porque eu não sei o que diabos está acontecendo. — Tudo que sabia era que era o mesmo que eles, um shifter, uma besta. Eles poderiam ter dado pequenos trechos de sua herança, mas o que sentia, sua conexão com eles, foi mais longe com eles chamando-a de sua companheira.

— Você nos quer tanto quanto queremos você. — Disse Casis. — Seu corpo anseia por nós, desde o momento em que atingiu a idade certa.

Ela pensou sobre quando os sonhos começaram, quando tinha dezoito anos, seu corpo em chamas depois do primeiro sonho com seus três homens misteriosos. Mesmo agora, estava molhada, seus mamilos duros, seu corpo inteiro desejando seu toque.

— O seu lado lobo precisa de nós. — Disse Stanis, a vibração em sua voz parecendo mover-se através dela.

— Nós precisamos de você. — Disse Casis.

— Fique com a gente. — Malachi quem disse.

Ela começou a respirar mais rápido, não era capaz de negar o que sentia, que precisava deles, de seus toques. A

verdade é que os dois homens com quem esteve em sua vida sempre deixaram algo faltando. Sentia como se tivesse ignorado esse vazio, que não fora na intensidade que desejava.

— Por toda a sua vida o seu lobo a conduziu até aqui, para nós. — Stanis deu um passo mais perto, tão perto que ela sentiu o toque de seus dedos em seu braço. — O desejo de estudar a ciência, o fato de você ansiosamente assumir esta posição... — Stanis olhou para sua boca. — Você nunca questionou por que queria tanto essas coisas?

Ela não tinha, mas ouvi-lo dizer isso, sabendo a verdade, a fez perceber que tudo fazia sentido agora.

Eles eram tão atraentes, e tudo o que ela queria fazer era deixar-se levar. Era uma linha perigosa que estava cruzando, Ruby sabia disso, mas no momento não poderia se importar menos.

— Eu estou tão confusa. — Ela encontrou-se sussurrando.

E então Stanis estendeu a mão e acariciou sua bochecha, e ela sentiu suas garras muito suavemente moverem-se ao longo de sua carne. Mesmo que ele não parecesse totalmente humano, achou-o atraente. Eram todos tão excitantes, e era um desejo que nunca experimentou antes, nunca pensou que sequer existia.

— O seu lado lobo precisa disso, precisa de nós. Se não, você não teria encontrado seu caminho até aqui,

inconscientemente ou não. — Casis falou, e ficou ao lado de Stanis.

— Basta ceder. — Malachi rosnou, e o modo como sua voz de barítono a envolveu fez uma quantia obscena de umidade descer dela.

— Podemos explicar tudo, qualquer coisa que precisa saber. Basta ser nossa, vamos mostrar-lhe como isso pode ser bom, quão bom é pertencer a seus companheiros. — Stanis moveu a cabeça mais perto, e ela inalou o aroma viciante dele.

Um grunhido animal veio de Stanis, e ela não pôde segurar o pequeno gemido que escapou. Pela primeira vez em sua vida, era como o animal que disseram que ela abrigava, a parte dela que estava enraizada em seu DNA, acordou. Sentia-se selvagem, livre, sentia os músculos tensos e seu corpo e mente tornarem-se submissos. Ela queria dar a esses homens o que eles queriam, porque era isso que queria, também.

Ela sentiu seu lado lobo despertar ainda mais para a mudança, empurrando tudo mais para trás, até que a única coisa que importava era o momento. Ela realmente sentiu seus olhos mudarem, sabia que eles estavam negros, suas pupilas tomando conta da íris.

Deus, vou me transformar em uma criatura como eles?

Stanis rosnou baixo novamente, e, em seguida, os outros dois homens fizeram o mesmo.

— As fêmeas da nossa espécie não mudam de forma como os homens, companheira. — Seus lábios estavam em sua garganta, seu hálito quente provocando sua carne. — Mudanças sutis ocorrem. Seus olhos mudam, seus sentidos ficam mais sintonizados. — Ele levantou a cabeça e olhou-a nos olhos. — Mas o seu corpo, ao contrário, permanecerá o mesmo. — Ele disse essa última parte com um gemido. — Tão gostoso e cheio, espesso e cheio de curvas.

É isso que eu quero?

Ela olhou entre os três e sentiu todo seu corpo quente, como se sua carne estivesse em chamas. Ouviu seus corações batendo como se fossem seu próprio. O som do gelo fazendo rachaduras pequenas em torno deles encheu sua cabeça, e sua excitação controlava cada parte dela. Sentia-se selvagem, e não queria que isso acabasse.

Olhando para Casis e Malachi, em seguida, olhando para Stanis, podia ouvir o som suave escapar dela. Isso deve ter sido a única coisa que precisavam para saber que ela os queria tanto quanto eles, porque no segundo seguinte ela foi empurrada contra a parede. Stanis colocou o joelho entre as coxas, e este som animal o deixou. Um suspiro chocado de prazer e indignação derramou de sua boca.

— Mmm, eu posso cheirar quão molhada sua boceta está. — Ele se inclinou, passou a ponta do nariz até a garganta, e gemeu mais uma vez quando chegou a sua orelha. Ele tinha a mão entre as pernas dela, sobre a calça, mas Ruby queria mais.

Isso não sou eu. Não quero esse tipo de atenção, este tipo de intensidade.

Mas quero isso. Deus, eu quero.

— Peça-me para te despir, para deixá-la nua para nós.
— Stanis murmurou.

Não podia pensar racionalmente, muito menos dizer o que queria. Mas não era ela mesma agora, ou pelo menos não a pessoa que conheceu na superfície. Esta energia se deslocou dentro dela, exigindo que cedesse, que fosse fiel a si mesma. Antes que soubesse o que estava fazendo, e porque estava farta e cansada de fingir, Ruby disse: — Eu quero isso.

No segundo seguinte Stanis estava puxando sua roupa, rasgando-a de seu corpo e lançando-a de lado. Uma vez que ela estava nua, o frio não a incomodou na verdade, fazendo-a mais quente, ele deu um passo para perto. Usando o joelho empurrou as coxas mais distantes e colocou sua mão sobre sua boceta. Um suspiro deixou-a quando a quentura de sua carne escorreu sobre sua pele nua entre as pernas. Tudo aconteceu tão rápido que não poderia dizer-lhe para parar, mesmo que pudesse ter formado as palavras.

Eu não teria dito a ele para parar.

A verdade era, Ruby queria isso desesperadamente, mas tentar racionalizar a manteve nesta caixa. Ela não queria mais estar confinada.

No primeiro toque de seus dedos sobre seus lábios, ela deixou cair a cabeça para trás e fechou os olhos.

— Tão quente e úmida, companheira. — Ele correu a ponta de seu grande polegar ao longo de seu clitóris, esfregou o feixe de nervos para frente e para trás, e retumbou profundamente.

Ruby poderia dizer com certeza que nunca esteve tão inflamada, molhada e necessitada antes, e não era só por um homem, mas três.

Ela olhou para os outros dois shifters e viu que ainda estavam de pé, duros como pedra, observando a coisa toda.

— Nós esperamos por um longo tempo, Ruby. — Stanis rosnou, suas palavras com seu corpo à beira de explodir. Sim, ela poderia ter gozado apenas com sua voz.

— Dê-se a nós. — Disse Casis.

Seus músculos internos apertaram, como se estivesse tentando agarrar o que não estava lá, mas o que sabia que precisava. Ela olhou para Casis e Malachi, novamente, suas expressões sombrias, carnis enquanto observavam o que Stanis fazia com ela. Ele continuou a esfregar seu clitóris uma e outra vez até que ela encontrou-se segurando seus bíceps protuberantes e cravando as unhas em sua carne. Ele era muito maior do que ela... todos eles eram.

Um suspiro deixou-a quando uma faísca de prazer a agrediu. Ele era incansável em sua investida erótica, e quando deslizou um dedo grosso em sua fenda, correu círculos em torno de sua abertura, e, lentamente, penetrou-a, um gemido que desejava ter mantido escapou.

— Sim. — Ele vaiou enquanto ainda a tocava. — É isso, Ruby. Se entregue a mim, e deixe-me fazer você se sentir bem para caralho. Deixe os outros assistirem você gozar para nós.

Dentro e fora.

Lento e constante.

Ele fodeu-a com o dedo, a atormentava com movimentos experientes, e a teve odiando, mas também amando cada minuto disso. Foi tão bom, tão ruim, e ela queria mais. Tremia incontrolavelmente, e algo monumental se construía dentro dela.

— Diga-me que você quer isso, que nos quer. — Stanis exigiu. — Diga-me o que queremos ouvir, e posso fazer a dor ir embora. — Ele se inclinou tão perto que ela não pôde fazer nada além de fechar os olhos ao sentir sua língua quente e úmida se movendo ao longo da concha de sua orelha. Sentia como se estivesse a ponto de cair de um penhasco, mas não tendo certeza se o fundo viria.

— Diga-nos, companheira. — Casis e Malachi disseram em uníssono.

Ela abriu os olhos e olhou para eles. Eles eram tão firmes, sua excitação clara com seus paus duros pressionados contra as calças de couro que usavam. Como eles não estavam com frio nesta caverna gelada?

Como não estou com frio?

Pensou na noite anterior, quando acordou congelada. Teria sido por causa do tempo, ou porque seu corpo reagiu ao

fato de esses homens quem clamam serem seus companheiros – algo não tão difícil de acreditar se estivesse falando sério.

— Diga-nos. — Stanis sussurrou ao seu ouvido.

Por que ela estava se segurando tanto quando o precipício de ecstasy estava bem na superfície? Por que não estava se rendendo quando isso parecia tão certo, quando, tão louco quanto isso era, ela queria tanto quanto respirar?

— Isso me assusta. — Sussurrou, não tendo certeza do por que foi tão honesta.

— Você luta demais, nega demais. — Ele mordeu o lóbulo da orelha, e aquela centelha de dor e prazer a fez cavar suas unhas profundamente na pele de seus bíceps. Stanis vaiou e disse: — É isso aí, minha companheira, faça doer, me mostre sua força.

— Deus. — O ar deixou-a apressadamente, e ela engoliu bruscamente. — Por favor, eu quero isso. — Encontrou-se dizendo, não lutaria mais contra isso. — Eu quero isso. — Suas palavras foram quebradas, apressadas, mas tão cheias de necessidade que ela mesma podia ouvir.

Não retiraria isso agora.

Três gemidos crus encheram a sala, e foi como se algo em Stanis se libertasse. Ele começou a esfregar seu clitóris com experiência, como se soubesse exatamente o que fazer para ter seu orgasmo para ele em segundos. Moveu seu polegar sobre seu clitóris tão duro e rápido que não

conseguia recuperar o fôlego. E então ele empurrou dois dedos dentro dela e a dor e prazer se transformou em êxtase.

Ela foi esticada, próxima às lágrimas, mas foi uma sensação incrível. Ruby queria mais, e neste momento não estava acima da mendicância.

— Eu preciso disso. — Disse ela novamente, esperando que ele parasse de provocá-la e atormentá-la. Ela esperava que os três dessem a ela o que claramente sabiam o que queria. Stanis a tinha em seus braços um segundo mais tarde, e se dirigiu para uma das camas de peles. Era estranho, aceitar isso e não o questionar tanto quanto deveria. Mas tudo isso fazia sentido, de certa forma.

Ela sempre teve esse vazio completo, essa parte que estava escurecida, escondida. Era como se tivesse sido aberta, e tudo caísse no lugar certo. Talvez devesse ter lutado mais, disse a si mesma que não deveria querer isso, que não poderia ser possível. Mas a verdade era que sentia a força nela, esse animal que falaram. E depois havia o fato de estes não serem homens comuns.

Stanis a deitou sobre as peles e, instantaneamente, seu coração deu um pulso. Os outros dois shifters os seguiram de perto, não se tocando apesar do fato de que estavam duros como pedra. Ele se afastou, mas ela se viu estendendo a mão e agarrando a sua, puxando-o em sua direção. Ele deixou escapar esse som áspero. E então estava tirando suas calças de couro, assim como os outros dois.

Ela tomou um segundo para olhar para seus paus, na verdade, eles eram enormes, talvez até 25 cm de comprimento e muito mais espessos do que pensou que seria confortável esticando-a. Mas não, ela sabia que iria ser tão bom.

Stanis estava em cima dela, um segundo depois, empurrando suas coxas abertas, fazendo-a sentir o quão grande e duro que ele estava. Ela olhou para os outros dois homens, viu como eles finalmente tocavam-se, seus olhares treinados exclusivamente sobre ela.

— Diga-nos que você está realmente pronta para ser nossa, para ser reclamada.

Ela olhou nos olhos de Stanis.

— Diga-nos que você aceita quem e o que é, que aceita sua herança, e nunca vai fugir de nós novamente. — Stanis exigiu enquanto lhe dava prazer. — Você vai ser nossa companheira para a vida, a mãe de nossas crianças, e vamos adorar o chão que você pisa.

— Você nunca vai precisar de nada, nunca terá medo de nada. — Casis deu um passo à frente depois de falar.

— Você vai ser forte em sua própria maneira, companheira. — Disse Malachi. — Mas com a gente ao seu lado, nunca vai se preocupar com nada.

Olhando entre os três, sabia o que tinha que fazer, o que tinha a dizer.

— Eu estou pronta para tudo.

E ela estava, ou pelo menos esperava que estivesse.



Capítulo Nove

—Sim, companheira, — Malachi gemeu.

—Não vamos deixar você ir—, disse Casis.

—Vamos mostrar-lhe como um homem de verdade é, o que significa ser a nossa companheira. — Suas palavras foram inteligíveis contra sua garganta, ela deveria ter ficado com medo deles, mas um delicioso desejo estava se formando e fluindo. E então Stanis começou a empurrar contra ela, não a penetrando com o seu pau enorme, mas esfregando o eixo em suas dobras e batendo em seu clitóris em cada empurrão.

O muro caiu, e ela jogou a cabeça para trás, gritando enquanto gozava. Descaradamente esfregando-se nele, levantando os quadris para encontrar o dele, e precisando de mais, ela não se importava quão devasso era tudo isso. Suas pernas estavam ridiculamente espalhadas, e ela levou tudo o que ele lhe deu.

Mesmo através da névoa que estava passando, ela conseguiu assistir Casis e Malachi continuarem a dar prazer a si mesmos. Com seus paus em suas mãos, eles acariciaram-se com precisão, focados nela. Outro orgasmo ameaçava reclamá-la. Tudo o que a levaria gozar mais uma vez era a visão deles se dando prazer, e de Stanis tocando-a.

Uma vez que o prazer finalmente esmaeceu, mas ainda era uma queimadura constante dentro dela, ela olhou nos profundos olhos negros de Stanis. Ele colocou a mão entre suas pernas, correu os dedos por sua boceta e levantou para que ela pudesse ver. Tudo se acalmou ao vê-lo trazer esses dedos cintilantes à boca e sugar até a última gota de seus sucos deles.

—Você tem gosto de submissão e aceitação.

Boquiaberta com a visão de Stanis lambendo seu creme de seus dedos, tudo que Ruby poderia fazer era observar excitada.

—Seu lobo quer isso tanto quanto o seu lado humano.

Ela olhou para Malachi logo após ele falar.

Stanis inclinou-se mais perto, e tudo que ela podia sentir era seu obscuro cheiro almiscarado, seu aroma natural misturado com seu perfume, todos juntos. Seu cheiro era selvagem.

—O simples fato de sabermos que conseguimos fazer você se sentir desta forma, porra, faz com que desejemos dar-lhe o que nos torna inteiro, Ruby.

Antes que pudesse dizer qualquer coisa, mesmo o pronunciar de uma palavra, Stanis tomou sua boca num beijo intenso. Passando língua ao longo de seu lábio inferior, provocando, persuadindo-a a abrir-se para ele. A mordida de suas presas em seu lábio fez sua vagina apertar, tornando-se mais úmida. Sua força estalou, sua confusão evaporou, e ela permitiu-se derreter novamente, e aceitá-lo.

Abrindo a boca, ela chupou sua língua. Estava consciente de suas mãos descansando ao lado de sua cabeça, apoiando seu peso enorme em cima dela, prendendo-a. Seu poder era imenso e tangível. Stanis pressionou seu pau contra ela, e seu grosso comprimento empurrou contra sua vagina. Um gemido saiu de sua boca, engoliu-o, amando que ela tinha um poder sobre ele.

Eles são meus companheiros, tanto quanto eu sou deles.

Foi seu lobo quem falou, e ela sentiu a oscilação de energia através de suas veias.

Chupando sua língua, ela provou seus sabores combinados. Ruby queria-o, desesperadamente, não as suas mãos, mas o seu comprimento duro empurrando profundamente dentro dela.

Faça-os saber o que você quer.

Ela abriu os olhos, não percebendo que os fechou, sentiu seu lobo subir a superfície pela primeira vez em sua vida.

Ruby queria que os outros dois shifters assistissem a tudo também.

Eu preciso que eles assistam, porque não seria certo deixá-los de fora, não me sentiria bem.

Ela nunca precisou tanto de alguma coisa. Nunca teve sua boceta tão inchada e molhada de modo que se viu elevando seus quadris na esperança que pudesse empalar-se em seu pau enorme. Mesmo agora, depois de gozar duas vezes, sentia-se insatisfeita.

É assim que é com um companheiro?

—Sim—, disse Stanis.

—Sempre—, Casis falou.

—Vai ser sempre intenso—, Malachi respondeu.

O grunhido baixo de Stanis contra sua boca alimentou ainda mais sua excitação. Pressionando a língua dela contra a sua, ele imitou o ato. Era sexual, convidativo. Ele pressionou contra ela plenamente, seu peito duro fazendo-a sentir muito feminina.

Ruby precisava de mais, necessitando provar mais dele, cheirar seu perfume masculino. Era inebriante, viciante. Será que os outros dois tinham esse gosto, sentiam-se assim? Ela sabia de uma coisa. Ruby precisava descobrir.

Ela queria sentir-se viva, e sentir o prazer lavar todo o resto. Ruby ainda tinha um monte de perguntas, mas agora ela só se preocupava com este momento. Após isso dito e feito ela iria querer suas respostas.

Stanis rosnou, baixo e ameaçador, e moveu sua boca para a orelha dela. Ele sussurrou próximo,

—Nós não vamos deixar você ir, Ruby. Uma vez que todos nós reivindicarmos você, você será nossa em todos os sentidos. — Ele olhou para ela diretamente nos olhos. —Uma vez que você tiver nossa marca, você saberá o que significa ter companheiros.

—Você já se rendeu a nós, nossa fêmea, e o animal dentro de você, dentro de todos nós, nunca deixará você ir.

Ela olhou nos olhos de Casis agora.

A forma como estes três homens falaram, a marca clara de propriedade que tinham sobre ela, deveria tê-la empurrando-os, dizendo a todos que ela não seria o que eles queriam.

Isso teria sido a coisa inteligente a fazer.

Mas o animal dentro dela – o animal que ela não sentiu até esse momento – empurrou toda a racionalização e a força humana para longe. Em vez disso ela o puxou para mais perto, mostrando-lhes que ela era tão forte.

Ela estava sentindo-se selvagens, e queria que eles soubessem que eles não eram os únicos que poderia exercer força e poder. Ela agarrou o lábio inferior de Stanis com os dentes e mordeu forte o suficiente para que o sabor picante, metálico de seu sangue estourasse em de suas papilas gustativas. Stanis não se afastou, e o desafio brilhou em seus olhos.

—Você já nos possui, companheira. Tudo o que somos é seu.

Ela olhou para os três. A ligação que ela sentia estava lá, batendo em suas veias.

Por mais louco que isso tudo parecia, e que poderia aparentar aos outros, era a coisa mais real que ela já experimentou.



Stanis pressionado mais perto de Ruby, apenas inalou. Eles a encontraram, a sua companheira, a única mulher que iria completar os três.

Embora não tenham procurado por ela, eles sonhavam com ela desde que entraram no auge, o mesmo que acontecera com ela. Mas eles a esperavam por um longo tempo, eram quinze anos mais velhos do que vinte e cinco anos dela, e embora estivessem desesperados por sua companheira, eles esperaram.

Nunca haveria uma fêmea para eles, nunca foi desta forma. Não importava que eles vivessem nesta tundra ártica desde que se separaram de sua matilha. Não importava se eles tivessem ido para um lugar povoado e encontrado mulheres para saciar seus apetites até que sua companheira estivesse unida a eles.

Também não importa se ela estava com outros machos, porque nada disso importava. Eles tinham sua companheira com eles agora, e isso era tudo o que importava.

Isto era tudo o que os consumia.

Ela pertencia a eles em todos os sentidos possíveis, quer ela sabia ou não.

Ela era a companheira deles, mas não era apenas sobre eles reivindicando-a, era também sobre uma parceria, sobre eles sendo iguais. Em qualquer outro momento seria difícil para ele, para qualquer um deles, abrir mão do poder que carregavam. Eles eram shifters masculinos, eram fortes, rápidos, e poderiam matar sem ao menos suarem. Mas, como seus companheiros, Ruby teria controle sobre eles, o poder de destruí-los.

Stanis sabia que eles eram dominadores, e poderia até mesmo serem considerados arrogantes se sua companheira tomasse tempo para realmente conhecê-los. Mas eles a protegeriam acima de tudo, cuidariam dela, e teriam certeza que ela estaria segura.

Ele sabia que Ruby provavelmente lutaria com unhas e dentes, e queria encontrar o seu próprio caminho, porque ela era uma loba, e era sua natureza, mesmo que ela nunca tivesse experimentado o seu animal interior até aquele momento. Mas eles ficariam ao seu lado não importa o que acontecesse, pois tê-la fora de suas vidas não era uma opção, nem mesmo um pensamento. Eles estavam vinculados pelo acasalamento, e nunca iria mudar.

Ele a olhou nos olhos e cheirou sua excitação crescente. Stanis tomou sua boca em um beijo brutal e colocou seu pênis dolorido em sua carne macia. Seu eixo pulsava

enquanto ele imaginava como seria a sensação de ter seu pau completamente enterrado em sua pequena boceta gostosa.

Seus irmãos observavam o que ele fazia com sua companheira, viam como o corpo dela sabia a quem pertencia, quem poderia acendê-la. Seus próprios desejos eram tão inebriantes como o seu, mas ele era o mais velho, e, portanto, por regras e tradições de sua espécie, ele seria o primeiro a sentir sua apertada boceta espremer seu pau.

Ele seria o primeiro a perder a virgindade com sua companheira.

Stanis aprofundou o beijo e deslizou suas mãos pelos seus cabelos. Os cachos eram macios e enrolados sedutoramente ao redor de seus dedos. Ele envolveu os fios em torno de seu punho e puxou sua cabeça ligeiramente para trás, conseguindo separar suas bocas. Olhos fechados, lábios ligeiramente inchados de seu beijo, e a garganta nua, Ruby parecia que estava pronta para ser reivindicada. Stanis levou um segundo para olhar suas feições, assimilar a curva delicada de seu nariz, a exibição frágil de sua estrutura óssea. Ela não estava mais ferida, pois ao deixar seu lobo vir à tona permitiu seu corpo curar-se. Ele estava feliz, porque não poderia suportar vê-la com dor.

Possessividade bateu nele com tanta força que ele rosnou baixo. Ele sentia essa mesma posse vindo de seus irmãos, e sabia que eles estavam tão impacientes quanto ele. Mas seu tempo viria em breve. Ele não podia ser egoísta com sua companheira. Erguendo a mão, ele passou as costas dela

contra seu rosto. Ela abriu os olhos e olhou para ele. As emoções corriam através deles, sentimentos que faziam seu coração bater e seu sangue correr. Ele sabia que seria acoplado à mesma fêmea que seus irmãos, assim que tivesse idade suficiente. Mas eles não sabiam quando a encontrariam, ou quem era ela.

—Ruby, nossa companheira—, ele gemeu.

Ela observou-o com uma excitação que combinava com a sua própria.

—Eu estou queimando vivo. Eu preciso disso, eu quero tanto isso. Posso provar e sentir isso consumindo cada parte de mim. Isso me deixa tão excitado que nem consigo pensar direito.

Ela era tudo o que ele podia pensar, tudo o que ele podia sentir. Seu aroma o rodeou, fazendo-o sentir-se ainda mais feroz, mais perigoso. Ele era másculo, e ela era toda feminina.

Ela era toda deles.

Seus irmãos iriam assistir, quando ele a tomasse inteiramente, então seria a vez deles.

Porra, ele podia sentir como ela estava quente para os três.

Deslizando as mãos em seus braços, em seguida, em suas costas, ele sentiu os montes arredondados de seu traseiro. Conforme ele apertou-os suavemente, seu pênis deu um puxão forte. Empurrando os quadris para frente, ele

moeu seu pênis em sua suavidade, precisando livrar-se das malditas calças de couro e enterrar-se profundamente dentro de seu pequeno corpo apertado e quente. Ela deu um gemido de aprovação contra a sua boca. Ele aprofundou o beijo e fodeu sua boca com a língua, para dentro e para fora, mostrando a ela, sem palavras, o que ele queria fazer com ela, o que ele iria fazer com ela muito em breve. Sua espécie não fazia lenta e suavemente, mas ele sabia que ela queria com força e rápido, do jeito que eles precisavam.

Ela não poderia recuar, não quando ele farejava seu lobo bem na superfície.

Stanis e seus irmãos podiam ser virgens e não ter experiências sexuais, mas o instinto lhes dizia como agradar sua companheira. Seus lobos diziam-lhes o que fazer, como tornar bom para ela. Eles esperaram sentir os prazeres do corpo de uma mulher, guardando-os para sua companheira, não importa quanto tempo demorasse para encontrá-la, e agora eles poderiam libertar-se com Ruby.

Sua Ruby.

Ele lentamente separou as bochechas suaves de sua bunda e posicionou os dedos no centro de seu corpo. A suavidade de sua pele provocou os nós dos dedos, prometendo obscenidades. Sua respiração engatou, e seu pau empurrou. Correndo o dedo pelo vinco da bunda dela, e roçando o anel apertado de músculo no centro, Stanis rangeu os dentes e fechou os olhos. Ele ainda estava em sua forma

shifter, não totalmente um animal, mas também não totalmente humano.

—Você me quer esta primeira vez na minha forma humana, companheira? —, Ele perguntou, querendo ter certeza que ela tivesse tudo o que ela queria, mesmo que ele quisesse levá-la dessa maneira, marcá-la, transar com ela.

—Apenas fique comigo—, ela gemeu.

Ele pensou em como a sentiria em torno dele, ordenando seu pênis até que ele gozasse tão forte e estrelas malditas batessem em sua cabeça.

Seus irmãos gemeram, mas Stanis concentrou-se em sua companheira.

—Ruby—. Murmurando contra seus lábios, ele manteve uma mão em sua bunda e um dedo pressionado em seu ânus.

—Deus—, ela sussurrou. —Isso é tão louco, mas não pare.

Ele levou sua outra mão no meio de suas coxas. O calor de sua vagina teve seu animal empurrando para superfície, exigindo fodê-la, marcando-a imediatamente. Ela tremeu contra ele, fazendo-o olhá-la. Espalhando um pouco da umidade de sua vagina para a bunda, ele lubrificou o buraco apertado. Ela precisava estar confortável e molhada para quando um dos três deles a fodesse por trás.

Ele deslizou outro dedo, continuando a espalhar sua umidade em seu ânus antes de deslizar lentamente o dedo

para dentro. Ela mordeu o lábio inferior com força suficiente para surgir uma gota carmesim de sangue em sua carne. Stanis inclinou-se e passou a língua sobre o sangue, engolindo e sentindo uma tontura de prazer.

—Você terá meu dedo em seu rabo e irá amar, não é, companheira?

Ela assentiu com a cabeça, seus lábios abrindo-se e um gemido saindo deles.

—E então, quando eu alargar bem e profundamente seu rabo, você vai levar nós três ao mesmo tempo: um em sua boceta bonita, um em seu rabo apertado, e outro enchendo sua boca. — Ele inclinou-se perto de sua orelha. —Fale para nós.

Um pequeno miado a deixou, mas ela balançou a cabeça em aprovação. Quando isso acontecesse, ela iria entregar seu corpo para eles, e eles iam levar tudo.

Ele enfiou um dedo em sua vagina, e um segundo depois, fez o mesmo com sua bunda.

—Sim—, ela disse, o aroma de seu lobo ali.

Seus dois dedos foderam seus buracos como se ele não pudesse ter o suficiente.

Eu não posso ter o suficiente.

Sua cabeça pendeu para o lado, e ele atacou sua garganta com os lábios e os dentes, correndo suas presas sobre o arco delgado. A respiração áspera de seus irmãos logo

atrás dele deixou-o saber que eles não iriam durar muito mais tempo se ele não se mexesse logo.

—É isso aí, companheira—, disse Casis. —Pegue tudo.

—Como ela está, irmão? — Malachi perguntou a Stanis.

—Tão. Medonhamente. Incrível. — Ele acrescentou um pouco de pressão em sua garganta e sentiu sua carne ligeiramente se expandir. Ele a marcou bem quando estava profundamente em sua vagina. —Eu espero que você esteja pronta, companheira.

Porque nós estamos prestes a dar-lhe tudo o que temos.



Capítulo Dez

Clint caminhou pelo túnel, a única luz que ele tinha começando a esvanecer. Estava andando pelos túneis por horas, podendo dizer que estava perdido. Mas não desistiria. Agora que sabia que algo estava vivendo nestas cavernas, ele encontraria a prova e levaria para a organização.

Pensou em Ruby, sabia que ela vinha atrás dele e que caiu. Uma parte dele sabia que ele deveria ter voltado por ela, mas a ciência dependia dele conseguindo esta informação. Além disso, ela esteve em expedições antes, sabia como navegar e cuidar de si mesma. Eles trabalharam juntos por tempo suficiente e Clint estava certo de que ela iria encontrar a saída quando percebesse que ele não sairia até encontrar provas concretas.

Ele nunca teve uma vantagem como esta, sempre almejou uma descoberta como esta, por uma peça que

pudesse tirá-lo do esquecimento e levá-lo para luz. Se Ruby não podia ver isso, então, ela não precisava estar ao seu lado. Quem perdeu foi ela, porque uma vez que tinha os holofotes sobre ele, isso era tudo que ele iria se concentrar, e não nas pessoas que não o ajudaram a chegar lá.

O medo do desconhecido não tinha espaço dentro dele neste momento.



Ruby não pôde conter seu suspiro. A sensação de Stanis deslizando o dedo dentro e fora de seu corpo levou-a ao limite. Ela não podia deixar de imaginar como seria a sensação de ter os três com ela em todos os sentidos.

Eu vou descobrir em breve.

—Stanis. — Inspirando o seu nome, Ruby não poderia evitar o jeito que ela começou a esfregar sua boceta contra sua mão. Ele já a fez gozar duas vezes, mas tendo os outros dois observando tornou tudo mais erótico. Estar com os três parecia tão certo.

Eu só preciso dessa tortura - o mais prazeroso que possa ser -para terminar. Eu preciso senti-los dentro de mim.

Stanis tirou os dedos dela e agarrou sua bunda com as duas mãos agora. Ela sentiu seu pênis empurrando entre suas coxas e sabia que ele queria isso também. Então, por que ele estava torturando os dois? Ela olhou para Casis e Malachi, e continuou a observar enquanto eles acariciavam a si mesmos.

Casis e Malachi moveram-se até que estavam em ambos os lados da cama, prendendo-a com seus grandes corpos. Agora, quando tudo foi dito e feito, ela ainda iria querer muito isso? Quando a realidade despencasse, ela ainda iria querer isso?

Sim, ela pensou imediatamente.

Olhando para trás de Stanis, ela perguntou-se se ele podia sentir o quanto ela queria isso.

Se você pode, você sabe que eles podem.

Era difícil não apreciar o fato de todos os três serem construídos sob músculos, seus paus pesados, longos e grossos, e a cabeça um pouco mais larga do que o eixo. Estes eram seus três companheiros. O olhar em seus rostos, o calor pulsante que emitia a partir deles, e da maneira que eles não se seguravam, fez com que tudo dentro dela corasse.

Se ela quisesse terminar tudo e ir embora eles a deixariam? Mesmo pensando sobre isso ela já sabia a resposta.

Não, eles não a deixariam, mas isso tornou tudo mais quente ainda.

Se Ruby estava sendo honesta consigo mesma, poderia admitir que sempre sentiu que algo estava faltando em sua vida.

Agora não estava.

Stanis inclinou-se para trás e olhou para ela.

—Abra suas coxas, Ruby. Vamos ver quão molhada você está para nós. — A voz de Stanis era um grunhido áspero, e enviou um pouco de formigamento nas pontas dos dedos das mãos e pés.

—Mostra-nos o que nos pertence—, disse Malachi.

—Deixe-nos ver seu centro cor de rosa, — Casis seguiu.

Colocando seus pés sobre a cama, ela separou suas coxas, e quando o ar frio bateu em seus lábios parou. Stanis colocou as mãos sobre os joelhos, e mantendo contato visual com ela o tempo todo, ele lentamente puxou-lhe as pernas até que seus músculos internos protestaram.

—Não esconda isso de nós, companheira, nunca.

Ela olhou para Stanis depois que ele falou. Ele passou os dedos pelos lábios de sua boceta, um dedo de cada lado de seus pequenos lábios, e um suspiro a deixou. Ela estava nua para estes shifters, mas ainda sentia como se estivesse contida. Ela queria ser ainda mais livre.

Flúidos saíram ao longo de sua carne. Seus seios subiam e desciam de suas respirações. Casis ficou de joelhos no pallet ao lado dela e estendeu a mão para tocar uma mecha de seu cabelo para longe. Stanis começou a esfregar o lado de seu rosto até a sua parte interna da coxa, ao mesmo tempo em que Malachi subiu na cama do outro lado dela e tomou sua boca em um beijo intenso. A sensação de seus lábios nos dela, e de sua língua acariciando a dela devagar, ritmicamente, era tão sensual que ela poderia ter gritado para eles irem mais forte, mais rápido.

Mãos agarraram seus seios, mas seus olhos estavam fechados e seu corpo tão perdido na sensação obscura de prazer que ela não tinha ideia de quem a tocava. Não importava, porém, não quando todos os três sabiam exatamente como tocá-la da maneira certa.

Antes que ela soubesse o que estava acontecendo uma boca estava em um de seus seios e ombros largos espremeram-se totalmente entre suas pernas. Rubi abriu os olhos e olhou para baixo do comprimento do seu corpo. O cabelo preto do Stanis se destacou em torno de sua cabeça, e talvez sentindo seu olhar, ele levantou os olhos e olhou para ela.

Enquanto segurava o olhar de Ruby, Casis passou a língua ao longo de seu mamilo, arrastando os músculos grossos ao longo da ponta inchada antes de tomá-lo entre os dentes e beliscá-lo. Uma faísca de dor a encheu, mas foi misturada com êxtase quando ela continuou olhando para baixo de seu corpo e viu Stanis voltar entre as coxas. A sensação de uma língua deslizando através de sua fenda e, em seguida, arrastando de volta para desenhar círculos em torno de seu clitóris teve seu corpo todo tremendo involuntariamente. Havia tantas sensações que passavam por ela: Casis chupando seus mamilos, Stanis lambendo sua vagina, e Malachi agora chupando e lambendo o seu pescoço.

Casis alternou entre os seios, provocando, puxando a sua carne, enviando eletricidade através dela. Stanis puxou seus lábios separados e começou a atacar a sua boceta com uma ferocidade que lhe fez fechar os olhos e gemer. Um

suspiro chocado, mas prazeroso a deixou quando Stanis moveu sua boca para baixo de sua vagina em seu ânus. Ele espalhou as pernas ainda mais distantes. Lá, ele lambeu o orifício suavemente no início, mas começou a aumentar o seu ritmo, fazendo-a contorcer-se pedindo mais. Ela nunca teria imaginado que poderia se sentir tão bem em ter alguém a tocando lá atrás, lambendo-a até que suas pernas tremiam e seu peito se contraiu.

Malachi pegou seu queixo com o polegar e o indicador, e com um aperto firme virou a cabeça para que ela olhasse para ele novamente.

—Enquanto Stanis devora sua bunda doce e Casis chupa seus peitos, eu quero foder sua boca, companheira. — Ele olhou nos olhos dela, e a escuridão de suas pupilas misturou com sua íris.

Ela estava doente porque gostava de tê-los em seus estados shifters?

Malachi espetou suas mãos em seu cabelo e puxou os fios com força suficiente para que um som suave escapasse dela. Ele rosnou profundamente.

E então Malachi estava beijando-a enquanto seus irmãos tinham-na em suas próprias formas.

Stanis agarrou suas coxas, enfiou os dedos em sua carne, e gemeu profundamente contra seu traseiro.

—Tão molhada e doce.

As palavras de Stanis foram abafadas contra sua carne, e os sons de seus beijos e lambidas foram suficientes para deixá-la louca de excitação. Malachi sugou a língua em sua boca e mordeu-a suavemente. Quando Casis tomou o mamilo entre os dentes e puxou a carne tensa, ela explodiu para eles. Rubi gritou suavemente, com a garganta muito apertada para fazer mais som do que isso.

—Isso mesmo, companheira. — Casis espalmou o peito que ele não estava chupando e eroticamente torturou outro. Eles torceram seu orgasmo até que não havia mais nada para ela dar, até que ela estava implorando por misericórdia. Eles eram implacáveis em sua busca para deixá-la exausta. Finalmente, ela foi capaz de tirar a boca de Malachi, empurrar os grandes ombros de Stanis para trás o suficiente para que ela pudesse fechar as pernas, e respirar de alívio.

Como diabos ela iria sobreviver quando não tinha sequer tido qualquer penetração?



Capítulo Onze

Os segundos, minutos e horas pareciam se fundirem, mas Ruby sabia que ela não estava aqui há tanto tempo, nem mesmo um dia inteiro. Tanta coisa aconteceu nesse tempo, sua excitação à fez refém, seu lobo surgiu pela primeira vez em sua vida.

Mas isso parece tão natural, tão certo.

Ela se deitou na cama de pallet entre os três homens, seus três companheiros. Era estranho pensar em uma pessoa no caso dela, mas quando ela realmente tentou entender isso, não se sentiu tão confusa. Levantando-se ela olhou para Stanis, e depois para os outros dois. Ela os esgotou tanto que eles realmente estavam dormindo? Era divertido, de certa forma, porque esses grandes homens não parecem vulneráveis em qualquer sentido.

Eles voltaram para suas formas humanas uma vez que torceram o prazer dela, e ela podia dizer com toda a honestidade que ela gostava de ambos os lados deles. Seus

lados humanos pareciam estar no controle, pensativo e inteligente. Mas, novamente seus lados shifters eram assim, também. Eles eram fortes e poderosos, sabiam o que queriam, e tinham um passado que poderiam se lembrar em detalhes. Eles também sabiam de sua herança, e ela fez muito por aquele conhecimento e desejava saber quem e o que ela era no sentido mais elementar.

—Nós vamos lhe dizer tudo o que desejar, companheira—, disse Stanis em uma voz baixa e profunda.

Ela olhou para Stanis, viu que ele estava acordado, e olhou para os outros dois. Eles estavam acordados, também. Por que Ruby pensou que eles estavam dormindo estava além dela. Estes homens não pareciam ser do tipo que baixam a guarda para qualquer coisa, nem mesmo quando seus corpos precisavam de descanso.

Ela levantou-se, consciente que estava nua, mas não com frio.

—Eu não estou congelando nesta caverna gelada por causa do meu lado shifter?

Deus, isso soa tão bizarro em voz alta.

—Tem um homem que desceu num dos túneis. Eu preciso saber se ele está bem. — Ela sentia-se culpada por não se preocupar com Clint antes de tudo isso, mas suas emoções e o prazer tomaram conta dela tão ferozmente que nada mais importava.

—Ele está seguro—, disse Casis, e Ruby olhou para ele.

—Você sabe onde ele está?

Casis assentiu, mas ele parecia irritado.

—Ele deixou você no túnel depois que você caiu. Ele a deixou ferida porque estava pensando em si mesmo.

Ela sentiu o choque.

—Não, ele não faria isso. Ele provavelmente não sabia que eu cai. — Apesar de dizer isso, ela sabia que se perguntou se ele a deixou, ou desconhecia que se machucou. Rubi queria acreditar na última opção, é claro.

—Nós o vimos olhar para trás para você, pressentindo o fato de que ele sabia que você precisava de ajuda, mas que ele tinha outras prioridades, Ruby—, disse Malaquias. —Ele virou-se e a deixou. — A raiva vindo deles, o calor e agressão, a rodeava.

Ela não falou por longos segundos, pensando sobre tudo isso, sabendo que as coisas mudaram tão drasticamente com Clint. Ele nunca foi assim, no entanto eles nunca estiveram em uma situação onde eles poderiam ter esse tipo de avanço.

—Não podemos permitir que ele saia da caverna com amostras de nossa espécie.

Ela levantou a cabeça e olhou para Stanis.

—Nós já temos as fibras do cabelo.

Os três se entreolharam.

—A maioria da nossa espécie tem vivido nas sombras durante séculos. Há humanos selecionados que sabem sobre nós, até mesmo alguns de nossa espécie que vivem com os

humanos. Mas os nossos segredos são nossos, e não vão ser explorados. — Casis foi o único a falar.

—Os seres humanos que têm essas fibras de cabelo devem ter vindo aqui quando estávamos caçando. Nós não podemos ter alguém sabendo da nossa existência, não a menos que sejam os poucos humanos selecionados em que confiamos, que temos uma aliança. — Malachi empurrou uma mecha de cabelo fora de seu ombro. —Não podemos deixar que a nossa espécie seja posta em perigo. Não podemos colocar você em perigo. Você entende? —, Perguntou delicadamente.

—Eu não quero Clint ferido—, disse ela, não tendo certeza se era isso que eles estavam implicando.

Eles olharam um para o outro novamente.

—Ele não vai se machucar, mas ele vai deixar está montanha sem evidências de nós, e nunca irá voltar—, disse Stanis com uma voz dura.

Ela sabia que, no fundo, eles estavam certos. Ruby sabia o que aconteceria se sua espécie fosse encontrada, sabia que haveria hordas de cientistas rasgando está montanha distante. Ela e Clint, e sua equipe, eram o começo disso. Se eles voltassem com a prova mais sólida além de algumas amostras de cabelo ...

Ela balançou a cabeça enquanto pensava sobre isso, sobre o que aconteceria inevitavelmente. Agora que ela conheceu estes homens, estes shifters, ela sabia que não poderia colocá-los em risco. Isso não era sobre ela descobrir o

que ela era. Isso era sobre como proteger os homens que ela estava atraída instintivamente. Ruby queria protegê-los.

Clint não poderia deixar a caverna com quaisquer amostras. Se a equipe voltasse de mãos vazias o conselho iria, provavelmente, congelar os fundos para quaisquer escavações no futuro imediato.

Ela assentiu, e mudou-se para a próxima pergunta.

—Por que vocês estão vivendo em uma caverna? Todos da nossa espécie vivem assim?

É tão estranho dizer nossa espécie.

—Não. Precisávamos de solidão. — Stanis foi o único a falar.

—Nossa matilha vive no Alasca, mas é ainda mais para baixo, horas desta montanha.

Ela olhou para Malachi depois que ele falou.

—Existem alguns de nossa espécie que vivem entre os seres humanos, vivem como eles. Mas a maioria deles gosta de sua solidão, seu isolamento, o mesmo que nós.

Ela encarou Malachi, e depois olhou para Stanis e Casis. —É por isso que você deixou sua família? — Os três assentiram. —Mas por que você iria querer deixar a sua família, a sua casa? — Certamente estar com suas famílias pesava mais do que querer viver nesta gelada, isolada tundra?

—Porque nós não sentíamos que estar lá era o certo para nós. —, Disse Casis.

—Mas não seria impossível encontrar a sua companheira vivendo aqui, longe dos outros?

Stanis puxou-a para o seu colo e beijou o lado de sua garganta.

—Companheiros encontram uns aos outros, não importa o quê, não importa quanto tempo levasse. Instinto os junta, nos juntou. Mesmo se eles acabarem sendo velhos, suas vidas quase terminadas, eles ainda encontrariam uns aos outros. —

Que vida triste não encontrar o seu companheiro até que você fosse velho.

—Nós podemos levá-la para a nossa matilha, satisfazer as nossas famílias e os shifters com que crescemos quando estiver pronta—, disse Malachi, e ela não podia deixar de sorrir.

—Eu tenho muito para aprender. Isto é tudo tão confuso, até mesmo intimidante, mas estranhamente eu não me sinto como se isso fosse errado.

Stanis passou a mão sobre suas costas.

—Isso é porque não é. Seu animal interior – sua própria alma – nos reconhece pelo que somos para você. Vai levar tempo para você entender tudo. Você não cresceu no mundo em que nós crescemos, e você não sabe nada da nossa espécie ou cultura.

—Mas nós vamos ensinar-lhe tudo, mostrar quem você realmente é.— Casis se inclinou e beijou-a na cabeça.

Malachi agarrou a mão dela e deu-lhe um aperto reconfortante.

Estes homens esperaram por ela toda a sua vida, não sabendo onde estava até que ela veio a esta caverna, mas eles deram tanto a ela. A sua aceitação, a sua delicadeza, e o fato de que eles estavam dispostos a lhe ensinar. Ela amava sua vida, seu trabalho, mas também sabia que ela viveu sem um propósito. Ela não percebeu quanto verdadeiro era isso até este momento, até que ela conheceu estes três homens poderosos. Com nenhum interesse amoroso, além do desejo de ser amada e amar de volta, ser mãe um dia, e realmente sentir que ela pertence a algum lugar, Ruby sabia que ela tinha que ir com seu coração.

Ela queria ver aonde isto iria, porque nunca em sua vida se sentiu tão confortável, tão aceita – muito menos em um curto espaço de tempo – como ela era agora, e com estes três homens.



Capítulo Doze

Ela vagou pela caverna olhando tudo, aprendendo sobre a vida simples que levavam, mas que tinha significado. Ela pensava muito em Clint, perguntando-se o que ele estava fazendo agora, se ele estava bem. Mas Stanis disse a ela que sabia onde ele estava, que ele estava bem, ainda em busca de provas de vida nas cavernas, e não preocupado com nada nem ninguém, além do seu próprio ganho. Ela se preocupou em lidar com Clint enquanto tinha sua cabeça em torno de tudo.

Mas agora ela estava de costas na cama, com três homens esbanjando atenção e carinho, e ela não podia pensar sobre os problemas do mundo exterior, ou o que iria acontecer depois que essa noite terminasse.

—Toque-se para nós—, disse Malachi.

A sensação deles em torno dela, de sua necessidade por ela, enchia cada polegada de Ruby. O fato de que ela estava

tão devassa, tão selvagem, a surpreendeu. Mas isso era tão bom. Ela viu o olhar faminto nos olhos dos irmãos. Sua vagina estava encharcada para eles.

Ela deslizou a mão para baixo de sua barriga, precisando deles, querendo-os. Ruby não hesitou em obedecer. No primeiro toque de seus dedos nas dobras de sua boceta, ela suspirou.

—Mais—, disse Casis.

Ela deslizou um dedo dentro dela e separou os lábios sentindo como era bom eles a assistirem. Ela estava deitada de costas sobre as peles. Seus seios foram empurrados para fora, seus mamilos duros.

—Foda-se com o seu dedo—, disse Stanis.

Ela empurrou o dedo mais fundo e engasgou com a intensidade. Ruby deslizou outro dedo e bombeou-os dentro e fora dela várias vezes, segurando-se enquanto seu corpo se apressou em direção a um orgasmo. Ela ficou olhando para os três, sabendo que observá-la era um afrodisíaco.

E então Casis e Malachi levantaram-se de joelhos, seus paus duros e apontando para ela. Eles começaram a tocar-se, masturbar-se, enquanto olharam para o que ela fez entre suas coxas. A visão deles se dando prazer levou sua excitação tão alta que Ruby não achava que jamais chegaria ao fundo novamente.

—Pare, companheira. — O comando sombrio de Stani não era para ser desobedecido. Ela puxou os dedos encharcados fora de seu corpo, congelado no lugar assim que

tomou conhecimento de seus caninos pressionados em seu lábio inferior. —Chegue mais perto, Ruby.

Ela não podia desobedecer. Ela não queria.

Antes que ela pudesse sentar-se totalmente, porém, Stanis pegou seu pulso em sua mão e trouxe os dedos à boca. Ela não podia fazer nada além de assistir em um nublado êxtase enquanto ele chupava seu creme, seu olhar focado em seu rosto. Um gemido baixo e profundo o deixou.

—Bom para caralho. — Ele soltou a mão dela e disse em sua voz profunda, —Vire-se e apresente-se a nós.

Trepidação e uma lasca de excitação atravessou-a. O par de vezes que ela teve sexo nunca foi assim, nem sequer chegando perto. Tudo o que podia pensar era o quão bom seria a sensação de finalmente estar com eles, como erótico seria ter três shifters esbanjando prazer nela.

Ruby ficou em suas mãos e joelhos, ciente de que sua bunda e boceta estavam bem na linha de visão dos três homens. Ela olhou por cima do ombro e viu Stanis com seu pênis na mão, sua expressão dura. Os outros dois ainda se masturbando. Pré-sêmen escorregou de todos os seus paus, uma visão que lhe disse o quão excitados estavam por ela.

Casis moveu-se uma polegada mais perto dela, segurou-lhe o queixo e inclinou a cabeça para trás para que ela pudesse olhar para seu rosto.

—Coloque meu pau em sua boca, companheira.

Ele esfregou a ponta lisa ao longo de seus lábios, e ela não podia aguentar, mas murmurou em aprovação do seu forte sabor salgado.

—Abra mais amplamente.

Ela abriu a boca para tomar tudo de Casis. E então ela sentiu Stanis colocar a mão em suas coxas, e abri-las.

Casis grunhiu e murmurou seu prazer enquanto ela continuou a chupar seu pênis.

—Isso Ruby—, ele resmungou.

Ela ouviu a rápida respiração ofegante de todos os homens, até mesmo ouviu o som de um punho em movimento ao longo de um pau duro enquanto Malachi ainda se masturbava.

Sua mandíbula doía de quão grande Casis era, mas era bom, de um jeito distorcido. Ele segurou a raiz de seu eixo com firmeza quando ela passou a língua ao longo da cabeça coroada. A pele debaixo de sua língua era lisa, salgada e doce.

—Você está pronta? —, Perguntou Stanis, mas antes que ela pudesse responder, ele travou sua boca bem sua vagina. Ele moveu sua língua por suas dobras molhadas, lambendo, sugando ... possuindo ela. Suas mãos estavam em sua bunda, espalhando as bochechas amplas, apertando-as até que o prazer e a dor misturaram-se em um.

—Você tem um gosto bom para caralho. — As palavras de Stanis foram abafadas contra sua carne molhada, enviando deliciosas vibrações através dela.

Ruby fechou os olhos e começou a mover a cabeça para cima e para baixo, tomando o máximo do pau de Casis que podia. A coroa atingiu a parte de trás de sua garganta, e ela engasgou. Casis segurava seu cabelo na parte de trás de sua cabeça, mantendo-a no lugar.

—Leve tudo, — ele exigiu.

Os músculos na parte de trás de sua garganta se apertaram em torno da cabeça do pau de Casis, e ele grunhiu em aprovação. Ela moveu a mão para fora do caminho e, em seguida, agarrou a raiz, acariciando o que não podia alcançar com sua boca.

Ela precisava de mais, muito mais.

Mãos acariciavam cada polegada de seu corpo, e ela não sabia quem era. Isso era o quão perdida nas sensações ela estava. A magnitude das sensações foi uma sobrecarga sensorial, e ela pensou que iria desmaiar de puro prazer.

Stanis deu uma última lambida em suas dobras, e, em seguida, subiu em cima dela, seu peito em suas costas agora. Ruby sentiu seu pênis esticar para frente, pressionando bem no centro de sua vagina. Ele era como granito por toda parte, todos eles eram, e isso a fez sentir-se muito feminina.

E quando o sentiu correndo os caninos por toda sua coluna, um arrepio passou por todo seu corpo. Esses perversos dentes afiados levemente raspavam sua carne, não

rompendo a pele, mas causando uma mistura de prazer e dor. Ela queria que seus caninos perfurassem seu pescoço, marcando-a, considerando-a como só deles.

—Você está pronta para tomar todos nós, companheira? —, Disse Casis, afastando-se dela seu pau deslizou para fora de sua boca.

Seus lábios estavam inchados, quentes de sugar seu eixo. Ela levantou os olhos para Casis, e depois olhou para Malachi. Olhando por cima do ombro para Stanis, ela viu os três homens contendo a mesma expressão: necessidade.

Ela assentiu com a cabeça.

—Eu já estou pronta. — Antecipação a percorria. Sua vagina apertou com força, emoção e trepidação travando uma guerra dentro dela.

Stanis moveu-se, agora ele estava de costas ao lado dela.

—Monte-me, companheira. Coloque meu pau em seu corpo apertado enquanto os meus irmãos lhe têm de suas formas.

Aquelas palavras fizeram com que o ar deixasse seus pulmões. Um último olhar para os outros dois homens, em seguida, Ruby subiu em Stanis, montando-o e sentindo seu pau duro até contra sua boceta molhada e quente.

Sua ereção massiva cutucou sua abertura, e ela prendeu a respiração. Ruby nunca imaginou fazer algo parecido. Mas parecia tão certo.

—Pegue meu pau—, disse Stanis com uma voz mais forte.

Ela apoiou as mãos em seus músculos peitorais.

Ele agarrou sua cintura com força, e disse em uma voz áspera,

—Pegue o meu pau e coloque-o dentro de você.

Seu coração batia tão forte e rápido. Ela levou a mão entre seus corpos, segurou seu pênis e ouviu-o gemer em resposta.

—É isso aí—, disse Casis atrás deles.

—Coloque-o dentro de sua boceta apertada, companheira, — Malachi gemeu.

Ela mordeu o lábio inferior e angulou da cabeça de seu pau para a abertura de sua vagina. Ao mesmo tempo, ela sentiu alguém separar suas nádegas, e espalhar algo gelado e liso ao longo de seu ânus.

—Você vai montar Stanis enquanto eu fodo sua bunda—, disse Casis.

Quando a cabeça do pau de Stanis estava em sua entrada, ela tirou a mão de entre os seus corpos e respirou lentamente. Por um segundo, ela apenas ficou em sua posição, e então ela afundou lentamente para baixo em seu grande e grosso pau.

Stanis apertou as mãos na cintura dela, cavando seus dedos em sua carne. A queimadura era nada como o que ela já sentiu antes, intenso e explosivo. Ele era tão grande, tão

grosso e cumprido. Ele estendeu-a tão bem, encheu-a até que ela pensou que não poderia aguentar mais.

Mas ela queria mais, muito mais.

Havia desconforto, é claro, mas o prazer superava qualquer outra coisa.

Depois desta noite nada mais seria o mesmo, ela sabia disso, mas ela olhou para o futuro.

Ela queria.



Capítulo Treze

—Tão apertada e quente, — Stanis gemeu, fechando os olhos, e ela podia ver o longo comprimento de seus caninos.

Quando ela estava completamente acomodada sobre ele, suas bolas pressionaram em seu traseiro, e ambos fizeram aquele som quase de dor. Sua vagina apertou com força em volta dele involuntariamente, e seu pênis se sacudiu em resposta. Ruby lambeu os lábios e sentiu a mão grande de Casis pressionar para baixo no meio das costas.

—Incline para frente, baby—, Casis gemeu.

Ela inclinou-se para frente, fechou os olhos, e sentiu Malachi acariciar sua bochecha. Olhando para o lado ela o viu olhando para seu rosto, a luxúria crua escrita em sua expressão. Malachi aproximou-se ajoelhando ao lado dela, com seu pau enorme na mão e apontando para sua boca.

—Tome meu pau em sua boca—, disse ele asperamente.

Ela obedeceu imediatamente.

Assim que ela começou a chupar Malachi, Casis espalhou as bochechas de sua bunda um pouco mais e passou o dedo sobre seu ânus. Depois de apenas alguns segundos provocando seu cuzinho, ele começou a empurrar seu dedo dentro dela. Ela ainda não realmente começou a montar Stanis, não quando todas essas ações e sensações a estavam consumindo.

Casis respirava com dificuldade atrás dela enquanto ele acrescentou outro dedo, e então ele estava abrindo os dedos dentro da sua bunda, como uma tesoura, esticando-a ... preparando-a. Seus dedos eram grossos e a queimadura de dor começou, mas ela gostou, adorou. Ela nunca fez sexo anal antes, e embora ela soubesse que haveria desconforto, Ruby queria isso desesperadamente.

Por alguns momentos ele fodeu seus dedos dentro e fora de seu traseiro, e depois Casis removeu-os. Ela ainda estava chupando o pau de Malachi, Stanis estava empurrando profundamente em sua vagina, e tudo o que podia pensar era como ela queria estar preenchida pelos três ao mesmo tempo.

—Pronto? —, Perguntou Casis, e ela balançou a cabeça, porque isso era tudo que ela conseguiu, mesmo se ela não tivesse um grande pau em sua boca.

Casis afastou por apenas um segundo, e então ela sentiu algo gelado e molhado em seu ânus. Eles tinham lubrificante? Ela olhou por cima do ombro, e com os olhos

arregalados ela viu como Casis passava um pedaço de gelo sobre o seu buraco. E então ele se inclinou, seu hálito quente passando sobre a carne fria. Sua saliva quente cobriu seu buraco. Ele espalhou a saliva ao redor, empurrando o fluido no interior, e ela sentiu o coração bater mais rápido.

Casis subiu em cima dela novamente, e pressionou a ponta quente e dura de seu eixo contra seu ânus. Instintivamente ela endureceu, esperando a queimadura inevitável da dor bater nela.

—Relaxe, Ruby, — Casis disse, com a voz tensa, como se estivesse tendo dificuldade em controlar-se, muito menos falar. —Não fique tensa para mim. Relaxe, abra-se para o meu pau.

Ela suspirou e tentou ouvir o que ele disse. Era estranho ter um pau na bunda, ela não podia mentir, mas sabia que, no final, tudo isso seria incrível.

—É isso aí. — Ele parecia rosar as palavras para fora, e acariciou os dedos por toda sua coluna. Casis começou a pressionar dentro dela, e ela fechou os olhos e se preparou para a sensação de estar cheia por completo.

Enquanto ela gemia em torno do pênis de Malachi, ele chegou por trás de sua cabeça e pegou um pedaço de seu cabelo. A sensação incomum de ter sua bunda fodida era quase demais, mas, em seguida, quando ele entrou nela até as bolas e sua bunda apertou ao redor da espessura, um prazer intenso surgiu nela.

Stanis apertou os dedos em sua cintura, e ela sentiu seu pênis empurrando dentro dela. Ela continuou a chupar o pau de Malachi, e o som de sucção molhada encheu a caverna.

—É isso aí, — Malachi disse duramente, segurando seu cabelo apertado.

Ela chupou Malachi mais forte, movendo a língua em torno de cabeça, através da fenda na ponta, e provou o pré-sêmen que saiu da coroa. Cantarolando com o sabor dele, ela estendeu a mão e pegou suas bolas grandes.

—Porra, sim—, disse ele, e ela sabia que Malachi estava perto.

—Suga meu pau. Tome minha porra e engula.

Ela olhou para cima para vê-lo refletir um olhar de pálpebras pesadas para ela.

E então Casis começou a foder seu traseiro, movendo seu pau dentro e fora dela, com as mãos na cintura, logo acima das mãos de Stanis. Quando Stanis começou a se mover também, levantando-a e trazendo-a para baixo em seu pênis, seus movimentos em conjunto com os de Casis, os três gemeram em uníssono.

—Foda-se, sim, — Malachi disse novamente e começou a foder seu rosto, movendo seu pau dentro e fora de sua boca, seu aperto sobre seu cabelo doloroso, mas prazeroso, tudo ao mesmo tempo. —Tão bom. — A ponta do seu pênis atingiu a traseira de sua garganta, e ela sentiu seus olhos lacrimejarem. —Sim—, ele disse em voz baixa, mas muito rígida, e ao mesmo tempo ele gozou. Jato após jato de porra

cremosa deslizou por sua garganta, e ela avidamente engoliu tudo.

Com Malachi descendo por sua garganta, Casis fodendo sua bunda, e Stanis batendo seu pênis dentro e fora de sua boceta, Ruby sentiu seu orgasmo se aproximando rapidamente.

Quando seu pênis estava semiduro, Malachi afastou-se, mas ele agarrou seu pau e começou a acariciá-lo. Para sua surpresa, ele ficou duro para ela novamente. Ter ficado duro logo após gozar era uma coisa shifter?

—Eu não estou nem perto de terminar com você ainda.
— Malachi sorriu depois que ele falou.

Ela olhou para seu rosto, os lábios dormentes, molhados, com o sabor de sua semente em sua boca. Ele inclinou-se, pegou seu queixo com o polegar e o indicador, e plantou seus lábios diretamente nos dela, beijando-a profundamente. Quando ele passou a língua em sua boca, Ruby ficou um pouco chocada, imaginando que ele não teria feito isso porque ele iria provar a si mesmo. Mas quando ele moveu sua língua ao redor da dela, um gemido derramou dele.

Casis ficou mais forte, mais rápido, e ela sabia que ele estava prestes a gozar.

—Sim, companheira. Leve tudo—, ele gemeu. —Eu vou preencher o seu rabo com minha semente. — E então ele estava fazendo exatamente isso. Stanis continuou a foder ela, sua respiração dura. Casis tinha um aperto que deixaria

contusões em sua cintura enquanto ele bombeava seu sêmen na bunda dela. Ela sentiu os jatos quentes dele, e seus músculos se apertaram em torno dele.

Ele amaldiçoou, e poucos momentos depois, puxou para fora dela. Mas antes dele se afastar, ele acariciou a mão sobre sua bochecha e se inclinou para beijar o topo da cabeça dela amorosamente.

—É a minha vez agora—, disse Malachi contra sua boca.

Casis afastou-se dela e Malachi tomou o seu lugar. Ele deslizou seu pênis em sua bunda em um movimento fluído, e ela engasgou ao ser preenchida mais uma vez.

Malachi passou as mãos por suas costas enquanto Stanis continuou a deslizar para dentro e para fora dela. Mas, em seguida, Stanis segurou um de seus seios, passou a palma grande sobre ele, e tomou o mamilo entre o polegar e o indicador. Ela fechou os olhos para o quão bom era tudo aquilo.

As sensações eram indescritíveis, seu corpo estava em chamas. Malachi começou a puxar para fora de seu traseiro, posicionando-se bem na entrada, e depois empurrou dentro profundamente.

Ruby sentiu as lágrimas escorrerem pelo canto dos olhos. Stanis continuou puxando seus mamilos, e então ela sentiu-se explodir em torno deles.

—Observe-me, — Casis disse, e ela virou a cabeça e forçou os olhos para permanecerem abertos enquanto ela gozou.

—Você é tão boa, caralho—, disse Stanis, bombeando dentro dela, enquanto Malachi fodia sua bunda.

—Tão malditamente apertada e quente, — Casis disse ao lado de sua orelha. Casis pegou um pedaço de seu cabelo e puxou sua cabeça para trás. Sua garganta estava arqueada, nua.

—Eu quero ouvir você gritar—, disse Stanis.

Casis ainda observava seus irmãos foderem ela.

Mesmo que ela tivesse chegado ao clímax, o prazer apenas continuava vindo e vindo. Seu lobo estava bem na superfície, não exigindo nada, apenas desfrutando de tudo isso.

Casis quase saia de sua bunda quando Stanis empurrava. Eles faziam isso mais e mais, um recuando quando o outro iria empurrar.

—Goze de novo para nós. — O comando veio de Malachi, e não era para ser desobedecido.

—Tão. Bom. Porra. — Todos os seus três companheiros disseram ao mesmo tempo.

Eles ficaram loucos, puxando para fora e empurrando de volta nela em uníssono. Ela manteve seu foco em Casis, porque sabia que ele não teria isso de nenhuma outra maneira. Ele estava duro novamente, mas ele não tocou a si mesmo, nem sequer se moveu. E então Malachi trouxe a palma da mão para baixo em seu traseiro, batendo em sua carne e causando um pouco mais de dor com o prazer dela.

—Você é nossa. — Suas vozes pareciam se fundirem enquanto falavam, e ela cheirou e sentiu seus animais internos perto. Mas eles não se transformaram, ficaram em suas formas humanas. Ela não teria se importado de qualquer forma, porque ela adorava ter ambos os lados.

—Eu sou de vocês, toda de vocês—, ela sussurrou, surpresa que ela pudesse dizer tanto, e com o quanto ela queria dizer essas palavras.

Smack.

Smack.

—Sim—, ela gritou quando a picada da palmada e o prazer correndo através dela a fez sentir-se viva.

A sensação de sua palma contra a sua bunda, a queimadura que criou foi incrível, estimulante.

Ela foi espancada outra e outra vez até que ela estava chorando de quão bom ela se sentia.

—Você gosta disso, companheira?

Ela assentiu com a cabeça, depois Malachi falou.

—Você gosta de me ter em sua boceta, Malachi na sua bunda, e Casis assistindo.

—Sim—, ela gemeu a palavra solitária. Stanis beijou o lado do pescoço dela, e algo nela brilhou. Ela precisava de sua marca sobre ela, desesperadamente.

E então Malachi inclinou-se para baixo, afastou seus cabelos, e lambeu o outro lado da sua garganta. Ela sentia outro clímax chegando.

—Eu estou tão perto—, ela ofegava. Casis moveu-se para o outro lado e beijou a curva de seu ombro. Todos os três foram lambar e chupar sua garganta. Foi um ajuste difícil, mas eles fizeram funcionar, e parecia incrível.

Ela ficou tensa quando seu orgasmo começou a crescer.

—Nossa.

O som distorcido dos seus animais falando encheu sua cabeça, e seu orgasmo se soltou de novo, não tão poderoso como os últimos.

Assim que o prazer tomou conta dela, ela sentiu-os morderem sua carne ao mesmo tempo, perfurando sua garganta. A dor durou apenas um instante e, em seguida, uma sensação eufórica inimaginável a consumiu enquanto eles a marcaram como sua companheira.

—Oh. Deus.

Quando seu clímax começou a descer, eles se afastaram e lambaram as feridas que criaram.

Ela sentiu Stanis tenso, sentiu seu pênis inchar dentro dela e ele gozou. Malachi gemeu atrás dela quando ele gozou também.

Só quando ela estava cheia de sua semente, o fluido escorrendo para fora dela, Ruby finalmente entrou em colapso em Stanis. Mãos acariciavam suas costas, mas os seus olhos estavam fechados e ela estava muito cansada para ver quem era. Malachi puxou para fora de sua bunda e Stanis saiu de dentro dela. Ela sentiu seus espermatozoides deslizarem

para fora dela, mas era uma sensação erótica, que dizia que ela foi tomada.

Ela estava deitada de barriga enquanto ela sentia a euforia rodeando-a, sentia o contentamento reclamá-la. Seu pescoço latejava nos lugares que morderam, mas se sentia bem, como se ela pertencesse a alguma coisa. Ela sabia que não era apenas sobre a posse, porque uma parte dela, - a parte lobo – possuía eles também. Era a maneira de sua espécie.

Deus, isso ainda soa tão estranho.

Sua pele estava escorregadia de suor, suas emoções ainda no limite. Mas a cada segundo ela sentiu-se relaxar.

Eles ladearam ela, envolvendo seus braços ao redor de sua cintura e puxando-a para perto. Todo o corpo de Ruby sentia-se vivo. Sua boceta e ânus doíam, mas não era uma sensação horrível.

—Companheira, — Stanis rosnou essa declaração, e depois os outros dois fizeram o mesmo. Cada um deles a beijou suavemente, e ela se viu caindo no sono.

—Você é nossa, companheira. — Malachi foi o único a falar.

—Nossa até darmos o último suspiro—, disse Casis.

E ela era. Nada e ninguém jamais iria mudar isso.



Capítulo

Quatorze

Ruby só dormiu por um curto período de tempo antes que ela fosse acordada por sua necessidade de encerrar tudo. Ela estava preocupada com Clint, mesmo tendo ele a deixado naquele túnel. Ela disse a Casis, Stanis, e Malachi que ela poderia lidar com isso, mas sendo dominantes e teimosos eles insistiram em ir com ela. Mas agora que ela permitiu que seu lobo interior viesse para fora, seus sentidos estavam vivos. Ela podia ver claramente, embora as cavernas fossem escuras. Ela também podia ouvir extraordinariamente bem, cheirar os menores aromas. Agora ela estava procurando por Clint.

Parando quando ela chegou a uma bifurcação nos túneis, ela fechou os olhos e ouviu, respirou profundamente, e pegou o cheiro fraco de Clint no túnel esquerdo. Era uma loucura que seus sentidos estavam intensos, mas, então,

depois de tudo que aprendeu nas últimas vinte e quatro horas esta revelação foi provavelmente a menos chocante.

Sentindo sua confusão, sabia que ele estava perdido dentro desses túneis. Ela também poderia cheirar além disso, sua perseverança, sua necessidade de ir em frente para encontrar o que ele ainda estava procurando.

—Por aqui—, ela disse mais para si mesma do que para seus três companheiros que estavam atrás dela. Deixaram-na na liderança, deixaram ela localizar e resolver tudo. Ruby precisava fazer isso por conta própria, porque esta era uma parte de sua vida.

Ela seguiu o túnel por cerca de vinte minutos, virou à esquerda, e depois à direita, e continuou a descer por mais uma hora. Mas o tempo parecia passar mais rápido pois ela tinha a velocidade como companhia, o seu lado shifter tornando a jornada mais fluida. Então ela encontrou Clint, na pequena caverna na qual ele estava confinado, escura, sua única luz que vinha da uma lanterna fraca que tinha desde o começo. Estava andando, não percebeu que ela estava a três metros atrás dele. Ruby estendeu a mão para impedir seus companheiros de se aproximarem ainda mais. Ela precisava fazer isso por conta própria.

—Clint—, ela disse o nome dele suavemente, e ele girou tão rápido que a lanterna caiu e apagou momentaneamente. Na escuridão, ela viu perfeitamente, poderia ver sua expressão assustada, os olhos arregalados, e cheirar o medo vindo dele.

—Sou eu, Clint—, ela disse novamente, e lentamente o medo mudou para reconhecimento.

—Ruby? —, Ele perguntou, e depois soprou asperamente, alívio enchendo-o. —Eu pensei que você estava seriamente ferida. Eu me perdi, estou perdido. — Ele estava gaguejando, mas em meio a tudo isso ele ainda estava tão determinado a encontrar o que estava procurando. Ele estendeu a mão para a lanterna, sentindo-a no chão, e, finalmente pegou-a. Mas a bateria acabou, e a caverna continuava escura como breu. Mas ela veio preparada, sabendo que iria encontrá-lo.

Segurando a pequena lanterna na mão, ela ligou. Não era forte como a que Clint tinha, mas emitia luz suficiente para verem cerca de dois metros à frente. Ela olhou para ele, viu que seus olhos ainda estavam abertos, e seu peito ainda subia e descia rapidamente.

—Você está bem? —, Perguntou ela, embora ela sentia que ele não estava ferido.

Clint assentiu.

—Você está?

—Eu estou bem, não graças a você—, disse ela, surpresa com a irritação crescente nela. —Você me deixou lá atrás quando você sabia que eu estava ferida. — Ruby apenas cuspiu as palavras. Ela estava bem, segura, e agora ela queria respostas.

Clint passou a mão sobre o rosto e olhou para baixo, travando uma guerra dentro dele.

—Eu fiz, e eu sinto muito. Minha necessidade de encontrar provas ultrapassou tudo. Isso foi errado, muito errado, e eu espero que você possa me perdoar. — Ele deu um passo mais perto. —Mas você está bem, então está tudo bem. Nós podemos sair daqui juntos.

—Você não se importa mais com a prova? —, ela perguntou, cética.

Ele não respondeu por longos segundos.

—É claro que eu me importo, mas sem uma equipe eu entendo que isso é impossível. Eu não tenho mais suprimentos, a minha fonte de luz se foi, e eu só quero sair desta montanha e reorganizar.

Ele deu um passo mais perto, mas depois parou, arregalando os olhos novamente.

Ela sabia que ele viu Stanis, Casis, e Malachi atrás dela. Ruby podia sentir seus ardores, suas presenças. Eles estavam em guarda com Clint, mesmo ele sendo apenas humano.

—Eu ...— Clint gaguejou.

—Nós temos algumas coisas a discutir—, disse ela calmamente.

Tudo que ele fez foi assentir, porque realmente, o que mais ele poderia dizer sobre tudo isso?



Uma hora mais tarde Clint estava sentado em silêncio, seu choque enchendo o quarto como o cheiro de tinta fresca. Provavelmente não teria levado tanto tempo para ela explicar o que aconteceu em um curto espaço de tempo, mas ele fez um monte de perguntas, e ela explicou tudo em detalhes, pelo menos o que ela sabia.

—Isso é tudo.

—Louco? Impossível? Não pode ser verdade? — Ela lançou algumas sugestões, e Clint assentiu.

—Tudo isso e muito mais. — Ele olhou para seus três companheiros novamente, Stanis, Casis, e Malachi de pé, sem dizer uma palavra, mas seus seres inteiramente prontos. Ela não sabia se eles achavam que Clint era realmente uma ameaça, ou se o seu amparo e prontidão era por ser acoplado. Ela sabia que ela se sentia mais perto deles, e não apenas em um nível físico, obviamente, mas também em um nível emocional. Ela foi atraída para eles, e a única explicação que ela poderia dar era o fato de que a sorte, o destino, caralho de algum poder superior, fez isso porque eles foram feitos para ficarem juntos.

—Então, você entende tudo o que estou dizendo?

Clint não respondeu por longos segundos, e ela podia ver que sua mente estava trabalhando.

—Você está falando sobre o fato de que os três ... shifters são seus companheiros, que você é o mesmo que eles, ou que existe toda uma espécie de humanos que podem se transformar em criaturas?

—Eu estou falando sobre o fato de que você não pode levar quaisquer amostras daqui, Clint. — Ela conhecia este homem durante anos, e trabalhou a seu lado, cuidou dele como um amigo, e não apenas um colega.

—Como eu deveria envolver minha cabeça sobre o fato de que você é um ...— Ele não respondeu de imediato, apenas olhou para Stanis, Casis e Malachi. Eles estavam em suas formas shifter, não totalmente lobos, mas também não humanos.

—É o que é—, disse ela suavemente, esperando que ele entendesse. —Foi diferente para mim porque as coisas meio que ‘clicaram’, eu acho que é um bom termo para usar. — Ela pensou em tudo o que aconteceu e tudo o que ainda iria acontecer em sua vida por causa disso. —Eu ainda estou aprendendo e compreendendo.

Clint apenas balançou a cabeça.

—Ruby, se você voltar comigo nós podemos mostrar isso para o mundo juntos.

Stanis, Casis, e Malachi rosnaram baixo e deram um passo mais perto. Clint recuou um passo, o medo vindo dele como ácido enchendo seu nariz.

—Você não pode, Clint, e não apenas porque é perigoso para a minha espécie. — Deus, isso ainda soa tão malditamente estranho.

—Mas também porque é perigoso para você, também, humano, — Stanis disse, movendo-se para ficar ao lado dela. —Nossa companheira falou com você em um tom

compreensível e paciente. — A voz de Stanis estava distorcida, rouca e profunda. —Nós não somos tão amáveis ou pacientes, especialmente quando alguém está tentando nos machucar ou machucar alguém com que nos preocupamos.

—Eu não estou tentando machucar ninguém—, disse Clint, com a voz tensa de medo. —Eu só quero...

—Fama, reconhecimento, tudo, — ela terminou. —Se o mundo exterior souber sobre nós, sobre tudo isso, seria transformado em um circo, Clint. Você sabe como tudo isso funciona.

Ele não voltou a falar por longos momentos.

—Clint, por favor, pense sobre os outros além de você mesmo. Você pode voltar para lá, dar uma pequena amostra das bactérias que encontramos quando nós escavamos aqui da primeira vez, e mostrar isso como sua proposta.

Eles encontraram uma pequena quantidade de bactérias no gelo e na rocha, mas Clint estava tão interessado no pelo que foi encontrado que descartou as bactérias.

—As bactérias foram armazenadas e rotuladas, estão dentro da bolsa com a equipe fora da montanha. Use isso, Clint. Ainda é um achado.

Ela não queria que Clint fosse ferido, mas ela sabia que se ele não concordasse com isso, os três shifters muito possessivos e irritados atrás dela iriam lidar com as coisas em seus próprios termos. Não havia nada que ela pudesse

fazer para detê-los se eles fossem atrás de Clint porque ele não podia ver a razão e só estava pensando em si mesmo.

—Eu não quero que você se machuque, Clint. Eu sei que você está trabalhando em direção a algo grande por toda a sua carreira, mas isso não vai ser uma descoberta.

E, finalmente, ele exalou, olhou para os shifters atrás dela, e depois para ela.

—Mesmo que seus três guarda-costas muito assustadores, fantásticos, e intimidadores não estivessem enviando vibrações de quererem arrancar minha pele da minha carne, eu não poderia te machucar, Ruby.

Ela não mencionou novamente que ele a deixou quando ela estava ferida, porque isso não importava mais. Ele estava vendo a razão. Ela cheirava sinceridade e verdade vindas dele. Era fresca e limpa, e ela estava feliz que ele podia ver que continuar com isso, ou pelo menos ainda querer isso, não faria ninguém ganhar nada.

—Eu não vou compartilhar nada disso com ninguém, você tem a minha palavra. — Ele exalou novamente. —Mas, sobre a equipe, e o que Marshall sabia? — Ele olhou para os shifters então. —Ele sabe sobre você.

—Basta dizer que estava caindo gelo, ou pedras irregulares. O terreno é perigoso, e os riscos são conhecidos. O que eles poderiam fazer sem provas?

Eles poderiam voltar para a montanha.

Eles teriam que se preocupar com isso quando chegasse o momento, no entanto.

Clint assentiu.

—Sim, isso poderia funcionar.

Ela sorriu para o fato de que ele estava levando isso a sério e não pensando apenas em si mesmo.

Ele olhou para ela de novo, e ela sentiu sinceridade vindo dele.

—Eu estraguei tudo, deixando tudo subir à cabeça. Deixei você ferida, coloquei seu bem-estar à parte em detrimento ao meu próprio ganho egoísta, e eu não vou fazer isso nunca mais. — Ele olhou diretamente em seus olhos. — Eu prometo. Eu só queria uma prova para melhorar o mundo, para mostrar a todos que há coisas inexplicáveis lá fora.

Ela sabia que ele era um homem de bom coração. Ele só deixou as coisas saírem do controle.

Stanis, Casis, e Malachi vieram para a frente, este som baixo vindo deles.

—Mas eu não vou dizer nada. Você tem a minha palavra —, Clint disse novamente.

—Não, você não vai, porque nós temos o seu cheiro em nossos pulmões, temos isso memorizado, e podemos encontrá-lo em qualquer lugar. — Malachi rosnou as palavras.

—Se descobrirmos que você colocou em perigo nossa espécie ou a segurança de nossa companheira – e nós podemos e vamos descobrir – nos certificaremos que pague com sangue. — Casis foi o único a falar, mas os outros dois shifters também pareciam tão chateados e territoriais.

—Você tem a minha palavra—, Clint disse novamente.

—Isso não significa nada para nós—, disse Stanis.

Ruby caminhou até Clint e sorriu.

—O que você vai fazer agora? —, ele perguntou.

Ela balançou a cabeça.

—Eu não sei, honestamente. Quero aprender mais sobre mim e minha espécie, vai levar tempo.

—O que devo dizer ao conselho sobre você não voltar? O que devo dizer para a equipe?

Ela nem sequer pensou nisso.

—Eu não quero que ninguém suspeite de nada. — Ela olhou para seus companheiros. —Eu tenho que voltar. A equipe vai saber que eu ainda estou aqui, e eles vão enviar um grupo de busca para mim.

—Vamos segui-la onde quer que vá, — os três shifters disseram em uníssono.

Mas ela queria voltar para a montanha, queria aprender mais. O próprio pensamento de tentar descobrir tudo isso cercado por outros que não seus companheiros eram abomináveis para ela. Poderia cuidar dos detalhes finais de sua vida no laboratório a poucas horas daqui, e depois que

ela saísse, passaria um tempo com seus companheiros sozinhos, em seus elementos.

E este é o meu elemento.

—Tudo vai dar certo.

E ela sabia que as coisas dariam, mesmo que estivessem confusos agora. Ruby não queria simplesmente descartar a paixão de sua vida, o que ela também adorava fazer. Ela não iria simplesmente esquecer a vida que ela tinha antes, e não iria esquecer de tudo pelo que ela trabalhou com sangue e suor.

Mas agora ela queria concentrar-se nesta incrível revelação que surgiu.

A vida não era planejada.

Este foi o primeiro dia do resto de sua vida, e ela estava abraçando-a totalmente.



Epílogo

Doze meses depois

Ruby sentiu o vento gelado chicotear em todo seu corpo nu, mas ela não sentia nada além do calor, alegria, e a necessidade de ir mais rápido. Ela cheirou Stanis, Casis, e Malaquias atrás dela. Eles poderiam facilmente ter ultrapassado ela em suas formas shifters, mas deixaram ela liderar o caminho.

Ao longo dos últimos doze meses, ela felizmente renunciou ao cargo no laboratório, empacotou suas coisas, e se mudou para a montanha com seus companheiros. Ela deixou a sua vida profissional para trás, mas sua paixão era ainda forte dentro dela, e ela não se livrou disso.

Ela aprendeu muito sobre si mesma e sua herança neste curto espaço de tempo. Embora ela nunca se imaginou vivendo em uma tundra gelada, muito menos dentro de uma montanha – mesmo que ela amasse isso – ela poderia dizer honestamente que ela nunca se sentiu mais em casa. Durante o ano passado eles trabalharam para tornar está a

sua casa. A caverna não tinha mais cama de pallets, mas uma cama real que cabia os quatro confortavelmente. Eles tinham uma cozinha rústica, e outros confortos com os quais ela cresceu.

Embora seus companheiros tivessem dito a ela que eles a seguiriam em qualquer lugar, mesmo que fosse para a civilização, Ruby não queria isso. Ela gostou do isolamento, gostava de estar rodeada pelo deserto assolado que estava em seu sangue. Ela aprendeu muito sobre quem e o que ela era, mas ela ainda estava aprendendo coisas novas todos os dias. Ela poderia não ser capaz de mudar para as formas de seus companheiros, mas agora que ela aceitou o que ela era, era como se todos os poderes que ela reprimiu e enterrou profundamente tivessem estourado bem na sua frente.

Ela correu em direção à montanha, se dirigiu para dentro dos túneis, deu voltas e mais voltas e, finalmente, entrou em sua casa na caverna. Ela respirou dentro e fora facilmente.

Olhando ao redor da casa que ela fez ... aconchegante, e sua, ela sorriu para a área que os caras construíram para os seus estudos científicos. Ela não estava a ponto de desistir disso, mesmo que ela não trabalhasse no laboratório mais.

Ruby não podia negar que ela sentia falta do laboratório, a princípio. Mas ela sentia-se em casa aqui, com seus companheiros, e isso é o que importava. Depois que ela viu que Clint não era o homem que ela achava que ele era, a sua necessidade de fama a qualquer custo, colocando-os em

perigo, ela percebeu que não era a vida que queria. Mas Ruby também sabia que ela poderia sair daqui a qualquer momento que quisesse, seus companheiros viriam com ela, sem perguntas.

Ela ouviu-os entrar na caverna e se virou para olhar para eles. Cheia de amor, ela não podia deixar de sorrir. Eles teriam sua primeira viagem nos meses seguintes, aquela que iria apresentá-la aos outros shifters. Ela estaria perto e em contato com tantos como ela, que ela mal podia esperar. Embora gostasse de sua solidão com seus companheiros, queria conhecer outras pessoas como eles, queria ver de onde os caras vieram ... onde eram suas raízes.

—Você é rápida, companheira—, disse Casis, sorrindo.

—Vocês apenas gostam de ficar atrás de mim—, brincou ela.

Stanis rosnou baixo, sua excitação clara como aroma no ar.

—Isso nós gostamos—, Malachi respondeu.

Eles estavam na frente dela, um segundo depois, cada um tocando-a no lugar certo, de uma maneira que a levou ao ponto de ter febre. Claro, tudo aconteceu tão de repente quando ela encontrou eles, mas quando algo parecia tão certo por que lutar contra isso? Por que tentar negar o que estava bem na frente dela?

Eles não a seguraram, não a controlaram, a menos que ela pedisse entre os lençóis. Deram-lhe energia, espaço, e ela sabia que apesar de quão dominantes seus três

companheiros fossem, ela era a única que mantinha o controle.

Estavam todos tão diferentes, com Stanis sendo aquele que assumia o comando em primeiro lugar. Casis gostava de estar no controle, mas ele também sabia quando deixar a sua liderança. E Malachi era o mais gentil dos três, mas não tanto para não fazer seu domínio conhecido. Eles a completaram, cada um em sua própria maneira. Ela sabia que sem os três ela não se sentia completa, não se sentiria como se estivesse onde ela deveria estar.

—Você é nossa—, os três disseram em uníssono.

—Apenas de vocês—, disse ela em resposta, e quis dizer isso com cada parte dela.

Sua vida era fantástica, talvez até ficcional em sua singularidade, mas era perfeito e certa para ela.

Era a realidade de Ruby, e estes foram os seus três companheiros até o dia que ela tomou seu último suspiro.

Fim

Avisos

Aviso 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!

Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por e-mail a quem pedir.

Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL!

Ajude-nos a preservar o grupo!

Aviso 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita?

Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!

Ajude a preservar o seu grupo de romance!

A equipe do PL agradece!

Aviso 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!

Seja esperta (o).